EDITORA ABRIL

PLACAR

AS MAIORES TORCIDAS DO BRASIL

EDIÇÃO ESPECIAL

- A ÚLTIMA CONQUISTA
- OS ÍDOLOS
- A HISTÓRIA
- AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS

CORINTHIANS

ÍNDICE

CORINTHIANS

Silvio Porto

O simbolo corintiano, no telhado do ginásio do clube: tradição alvinegra

4 Os torcedores e sua paixão

10 Grandes vitórias do time

18 O último título alvinegro

24 Uma história de glórias

34 Os ídolos que ficaram

46 Seleção de todos os tempos

48 O hino, o escudo e o uniforme

Ricardo Correa

Há quem diga que ela enche estádios também para curtir a si mesma. É o orgulho de ser corintiano

O CORAÇÃO É AQUI

Ela é a maior de São Paulo e a segunda do Brasil. É quem transmite energia e fé ao time, transformando os atos de torcer e de jogar num espetáculo único e emocionante. Ela é a Fiel

Eles reagem diferente mas são iguais. Uns entram de peito aberto nas batalhas campais, outros suspiram solitários e até se negam a conversar depois de uma derrota, caindo num silêncio doído. Muitos mergulham suas mágoas e alegrias num copo cheio enquanto outros só conseguem a paz depois de pagar promessa numa igreja ou de entregar a oferenda ao babalaô. São os corintianos. Uma nação cujo território ultrapassa as fronteiras do clube e se estende por todo o Brasil. Em 1983, uma pesquisa do Instituto Gallup (publicada por PLACAR n.º 684) dizia que, só em São Paulo, o número aproximado de fiéis à religião corintiana era de 2 880 milhões. Ou seja: a segunda maior torcida de time brasileiro, só perdendo para a do Flamengo.

Segunda? Os mais fiéis sempre se recusaram a aceitar. Como a falecida torcedora-símbolo do clube, Elisa Alves do Nascimento. "Não acredito que exista outra torcida como a do Corinthians. Somos superiores em qualidade. Temos mais amor. O Corinthians está logo depois de Deus, né?", dizia ela em 1987, pouco antes de morrer, aos 77 anos.

PAIXÃO EXTREMA — E os Gaviões da Fiel? Torcida organizada e uniformizada, eles surgiram em 1969, revoltados com os desmandos do presidente Wadi Helu, e hoje são mais de 10 000. Apaixonados, capazes de chegar a extremos, como chegou Wanderlei, um deles. Wanderlei, o *Batata*, não agüentou o baque de uma derrota e tomou um copo cheio de cerveja com soda cáustica. Não morreu, mas passou perto. E sua história é apenas uma entre as muitas que formam o folclore dessa torcida.

O jogador profissional de carteado Júlio Toledo, também da confraria dos Gaviões, expressa seu fanatismo de modo proverbial: "Dor maior que a perda do título em 1974, só tive com a morte de meu avô". Júlio tem ódio do Palmeiras. Não sabe explicar por que tanta rivalidade, mas nem se preocupa com isso. "Está no sangue", diz. E ▶

Abril

Ayrton Senna e dom Paulo: de longe ou de perto, acompanhando a equipe

Lemyr Martins

reconhece que o rancor é grande. Nem verdura come, pois as folhas trazem a marca do inimigo. "Verde, pra mim, só papel higiênico e lenço", responde, provocador.

Dom Paulo Evaristo Arns, o arcebispo de São Paulo, por certo não aprova o radicalismo de Júlio. Mas, como bom corintiano, não esconde sua antipatia pelo Palmeiras, apesar de toda sua sutileza: "Todos os clubes são bons, meu filho", disse um dos representantes de Deus aqui na Terra, certa vez: "Só acho que alguns, como o Palmeiras, poderiam dar mais alegria a sua torcida".

Mas, quando o assunto é o arqui-rival, a sutileza pára aí, no clero. Os Gaviões, por exemplo, nunca ouviram falar dela. Véspera de jogo contra o Palmeiras é dia de não fazer outra coisa senão arquitetar um meio de irritar o inimigo. Para isso, aliás, é que o "Departamento dos Suínos" existe. São todos

"A solidariedade é o nosso forte", diz o compositor Toquinho. Sua paixão é a mesma dos torcedores anônimos

Nelson Coelho

jovens, sempre com a mesma missão: a de entrar clandestinamente no estádio com os leitões, para depois soltá-los no gramado, a fim de "embelezar o espetáculo". O pior é que a provocação sempre consegue o efeito desejado, pois os palmeirenses, embora neguem, odeiam o título de "porcos".

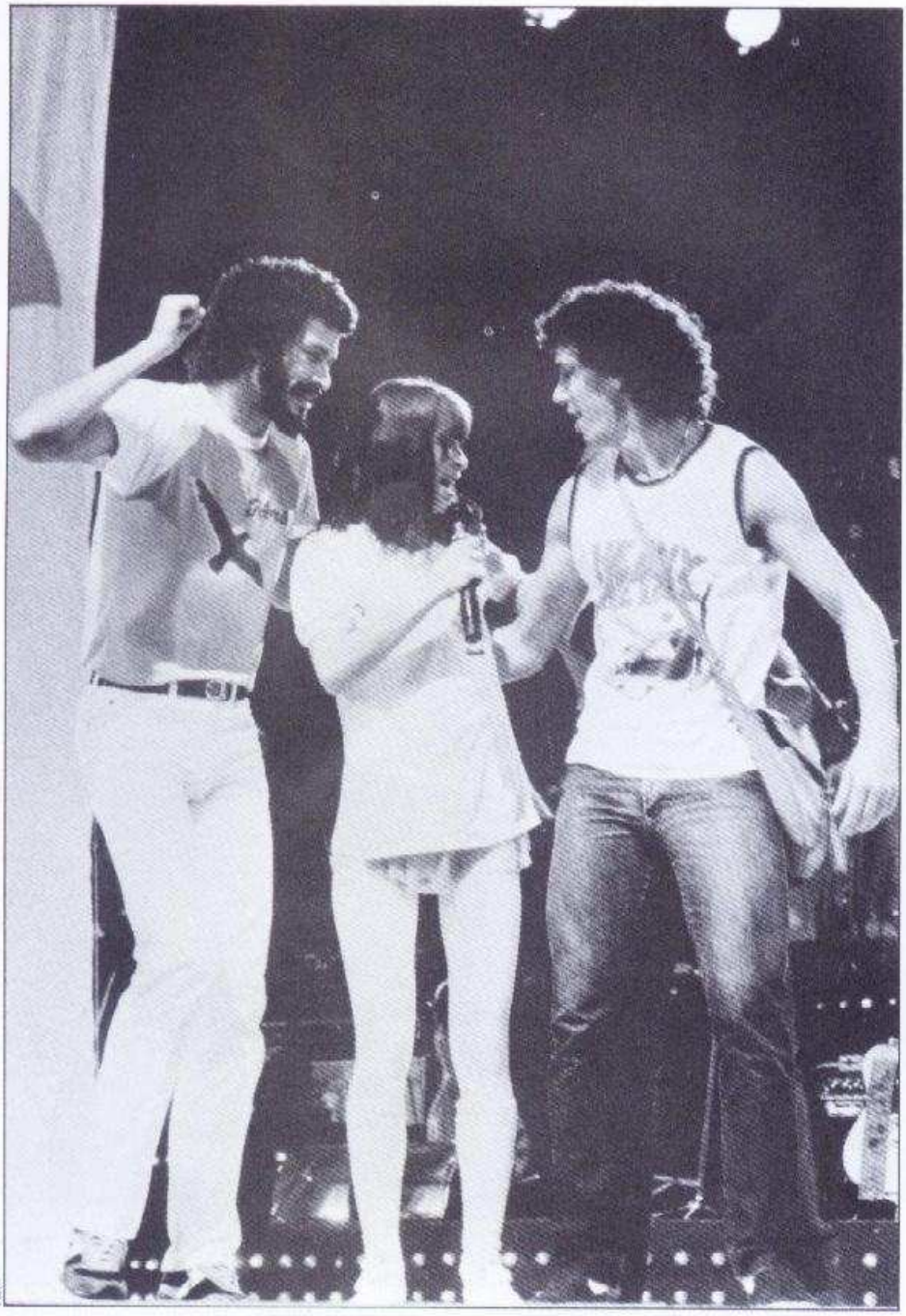
Bem, diante disso só se pode concluir que a convivência entre palmeirenses e corintianos é inviável.

"Que nada!", admite o comerciário Claudionor Arantes Ramos. "Eu os aturo, e não sei se saberia viver sem eles."

Violonista nas horas vagas, Claudionor frequenta o Bar da Hora, no Ipiranga. Lá ele recorda os feitos de seus jogadores prediletos e proclama as virtudes do clube.

"É o maior, e acabou", costuma dizer quando já não tem mais argumentos para encerrar a discussão. Jamais acredita na derrota e, rádio colado ao ouvido, ele acompanha todo o jogo para, depois, ver os teipes na televisão. Mesmo na derrota. "Não é masoquismo, não", argumenta, "é só para ver as falhas."

Fanatismo? "Não, paixão", declara o médico pediatra Moacir Parra. Em seu consultório (São Caetano do Sul), ele costuma manter-se imparcial, tratando bem a todos, dando muito carinho às crianças. Mas não tenha dúvida: se aparecer um corintianinho, o "tio", sem dúvida, vai dar uma caprichada. E esticar mais o papo, ensinando ao guri a escalação do time enquanto tira do bolso uma balinha. Para seus clientes, nenhuma surpresa: ao chegarem ao consultório, eles já sabem com quem estão lidando. Na entrada, existe um penico com o distintivo do Corin-▶



Abril

Sócrates, Rita Lee e Casagrande na comemoração do título de 1983. Os ídolos passam e a roqueira continua fiel a sua paixão

thians, uma bandeira e vários certificados de batismo. São de seus afilhados, todos possuidores de um uniforme do Timão — o presente predileto do padrinho.

Ayrton Senna, o piloto, é outro maníaco. Pegou a "doença" do avô e hoje, mesmo estando em Hockenheim, Paul Ricard ou Monza, recebe informações de seu Corinthians pelos jornalistas que acompanham a Fórmula 1 e por telefonemas de amigos e familiares.

Outro torcedor muito bem-informado era Euclides Barbosa. Seus informantes, no entanto, renegavam os fatos presentes em favor do futuro. Eram espíritos, que Euclides — ou melhor, Pai Jaú, devoto de Ogum e filho de Xangô — costumava receber. Corintiano fanático, o falecido Pai Jaú era o mesmo que ajudou o Corinthians a conquistar o campeonato de 1938. Um craque que jogou em vários times paulistas.

Mas Pai Jaú não gostava de prometer vitórias antecipadas. Guardava tudo para ele, mudo, e não dava nenhum palpite. Nas vésperas do jogo, procurado por muitos, costumava aconselhar: "É preciso ter fé. Se nossos jogadores tiverem mais amor à camisa que os outros, estamos bem".

AMOR À CAMISA — Chico Mendes, um dos mais antigos torcedores da Fiel, tem a mesma opinião até hoje: "Só com amor à camisa é que conseguimos alguma coisa". Chico, um "mosqueteiro" como poucos, nunca admitiu que duvidassem de sua paixão pelo alvinegro. Por causa dela, desistiu do amor da moça com quem ia casar-se. Perdeu também muitas noites de sono e uma quantia incalculável de dinheiro em charutos. Chico fuma seguidamente e, durante o jogo, o charuto passeia em sua boca, bamboleando de um lado para o outro. Foi assim que assistiu à conquista do título do IV Centenário de São Paulo, dentro do campo do Pacaembu. Quando o jogo acabou, mandou sair os carros alegóricos, que tinha escondido atrás da concha acústica, e deu início à festa. Um delírio, regado a caixas e caixas de charutos.

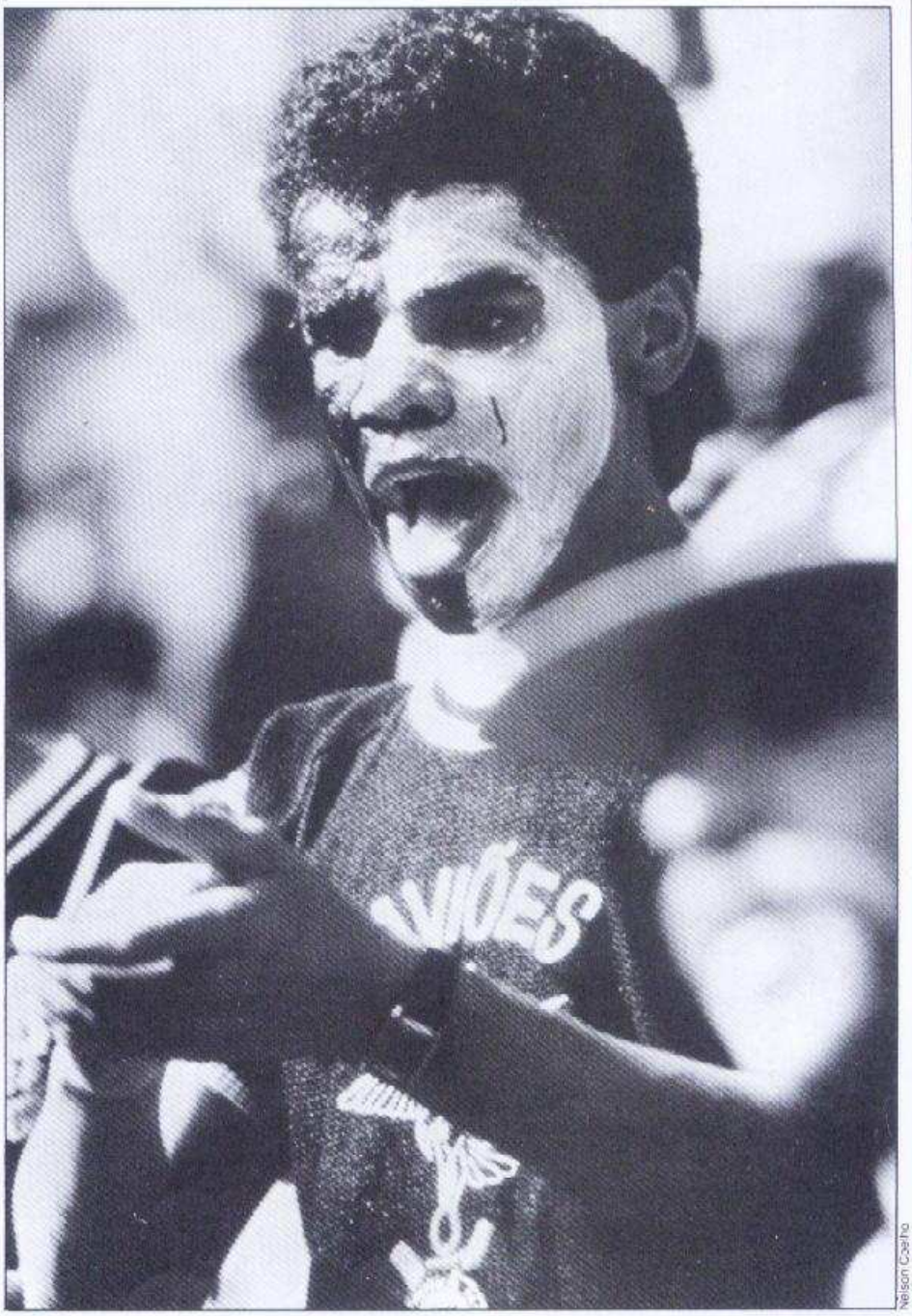
Afinal, que impulso é este que leva

uma pessoa a viver em função de um time de futebol?

"E a gente lá sabe?", responde dona Sara, Sara Rodrigues, 76 anos. Com toda sua idade, sua pele enrugada, seus cabelos brancos, ela vira uma menina nas arquibancadas dos estádios quando o Timão joga. Dona Sara faz parte de uma das muitas torcidas uniformizadas — a Garra Corintiana — e dá um banho de energia nos mais jovens. Samba, xinga o juiz, toma caipirinha, enfim, faz coisas pouco habituais a uma viúva. E adora. Costureira e moradora do Bexiga, ela abomina a idéia de ir para um asilo e ficar à margem dos acontecimentos. "E não me venham dizer que os corintianos são alienados."

DEMOCRACIA, SEMPRE — Por escaparem às teorias de psicólogos, sociólogos e autodidatas de todos os matizes, os corintianos sempre foram tratados pela elite como um bando de alienados. Mas os fatos estão aí para provar o contrário. As primeiras faixas pedindo anistia aos presos políticos e, depois, eleições diretas foram abertas em estádios por torcedores alvinegros, numa demonstração evidente do sentimento que une o homem do povo à alma corintiana. Quando os jogadores entraram em campo, para disputar o título de 1983, exibindo uma faixa com os dizeres "Perder ou ganhar, mas sempre com democracia", estavam valorizando o projeto implantado no futebol — que dá direito de participação dos jogadores no departamento — mas iam também ao encontro dos anseios de gente como dona Sara, Claudionor, o Velho Jaú e todos os da Gaviões da Fiel.

"Sempre gostei do Corinthians, principalmente pela emoção e pela felicidade que provoca no povo. Nenhum time é capaz de despertar tamanha paixão", afirma a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina da Silva. Palavras semelhantes são ditas pelo ex-presidente Jânio Quadros e pela nossa maior roqueira, Rita Lee. Não fosse o Corinthians, na certa seria difícil estabelecer qualquer coisa comum entre eles. Mas o alvinegro está lá, irmanando. ●



Nelson Coelho

Corintiano pinta a cara e enfrenta de peito aberto as batalhas campais. Mas sempre no bom sentido. As vitórias dão paz ao coração

Fotos J.B. Scalco

Sócrates ergue a taça do campeonato paulista de 1982: a alegria de jogadores unidos pelo sentimento democrático

AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS

NA CLASSE E NA FÚRIA

Em tardes de decisão, em noites memoráveis, quebrando tabus ou até num Maracanã enfeitado de preto e branco, um Timão com o coração nas chuteiras

O Corinthians começou o ano de 1982 por baixo, na Taça de Prata. Mas, viva a humildade: realizou, evoluiu e passou à Taça de Ouro, onde fez bonito: quarto lugar. Quando, no dia 12 de dezembro, o time entrava em campo para decidir o título paulista com o São Paulo, já havia espantado as bruxas de seu caminho, jogava com personalidade própria. Sem dúvida, era uma vitória da democracia implantada no clube, que seguia uma filosofia simples. "Todos têm o direito à opinião e à liberdade de participar do projeto de tornar o Corinthians campeão", proclamava o diretor de futebol Adilson Monteiro Alves. A experiência deu certo. O Corinthians foi o clube com melhor campanha no campeonato. Vinha para a final com direito a um empate, já que ganhara a primeira partida decisiva por 1 x 0.

"ELES VÃO TREMER" — A tensão natural que antecede as grandes decisões, entretanto, fora acentuada com declarações como as do preparador físico do São Paulo, Gilberto Tim. "Eles vão tremer. Somos machos e o Corinthians é um bando de meninos desmamados."

"Ah, é? Se o problema deles é homem, pode vir aqui no clube", respondeu o goleiro Solito.

Circo armado, nervos à flor da pele, começa o jogo. O time são-paulino é conhecido como *A Máquina*. Tem Oscar, Darío Pereyra, Marinho, Renato, Serginho e Zé Sérgio. E o Corinthians conta com Wladimir, Sócrates, Zenon,

Biro-Biro e Casagrande, na final de 1982: união com a torcida

AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS

Casagrande — a revelação do ano — e Biro-Biro. Talento por talento, a comparação só pode ser feita durante a partida.

E o jogo é duro. Belas jogadas contrastam com lances banais, e o primeiro tempo termina em 0 x 0. Quando a partida recomeça, os são-paulinos, que precisavam da vitória, partem com tudo. Esfriam, aos 20 minutos, quando Zenon cobra uma falta na trave de Waldir Peres. E desabam quando Biro-Biro entra na área, meio desequilibrado, e assinala o primeiro gol.

No desespero, partem para cima e, aos 32, Darío Pereyra empata o jogo. Eis que Ataliba faz jogada de gênio, dois são-paulinos trombam, Biro se aproxima, recebe e mete a bola no meio das pernas de Waldir. É o herói da partida. Corre para a torcida agitando a bandeira do Corinthians que um torcedor lhe atira. Sobra tempo para Casagrande fazer seu 28.º gol no campeonato, José de Assis Aragão apitar o final e a massa assistir ao time da solidariedade dar a volta olímpica. Devagar, saboreando a conquista.

A equipe campeã do Centenário da Independência, em 1922: na vitória sobre o Paulistano de Friedenreich, o início de uma lenda

Ano do Centenário da Independência do Brasil, 1922. No futebol, um atrativo chamava a atenção: o vencedor do campeonato, além de receber um título importante, seria declarado "Campeão do Centenário" e permaneceria com a glória por 100 anos. Na visão romântica dos homens da época, isso valorizava o campeonato paulista e conquistá-lo seria um feito.

A febre de vencer já tinha atingido a equipe alvinegra e valorizado sua campanha. O Corinthians chegava à final com garra e a disputa decisiva estava marcada para o dia 4 de fevereiro de 1923, contra o Paulistano. O campo do Floresta estava lotado. O Corinthians entrava com Neco; e o Paulistano com Friedenreich. Na hora do jogo, o juiz Bartolomeu Gugani — o Bartô, beque da Associação Atlética São Bento — não estava no campo. E Agenor Urbina Telles, do Rio Claro Futebol Clube, acabou sendo seu substituto.

O jogo já começa nervoso, disputado. Bola com Neco, entra pelo meio e vai driblando. Um, dois, engana o terceiro e deixa a área escancarada para Tatu arrematar sem a menor chance para o goleiro Arnaldo. O Paulistano reage e Del Debbio, Gelindo e Amílcar têm que se desdobrar diante das investidas de Formiga, Zecchio e Friedenreich. No segundo tempo, a tensão aumenta. Só quando o meia Peres centra a bola na área para Gambarotta completar de cabeça, fazendo seu 19.º gol no campeonato, é que a torcida explode. Formam-se cortejos e, nos botecos do subúrbio, o assunto é um só. A façanha ganha contorno de lenda. Os filhos que nascessem seriam "campeões do centenário". E este ninguém tirava mais, pelo menos no próximos cem anos.

5 DE DEZEMBRO de 1976. Setenta mil corintianos invadem o Rio de Janeiro para assistir à semifinal do Campeonato Brasileiro. O adversário é o Fluminense, uma verdadeira máquina de jogar futebol. Seu presidente, Francisco Horta, passara a semana inteira provocando a Fiel. Por isso estão todos lá, um exército em festa. Os bares vendem em tempo recorde 80 mil garrafas de refrigerantes e 120 000 de cerveja. Faz calor, mas chove sem parar.

A entrada das duas equipes em campo tem um duelo à parte. A torcida tricolor gasta duas toneladas de pó-de-arroz na saudação e os corintianos respondem com uma atordoante bateria de fogos e milhares de bandeiras. Quanto às torcidas, não há dúvida de que a visitante é a vencedora.

Moisés e Ruço chegam junto e se impõem. Romeu e Neca fazem o vaivém constante e Givanildo cadencia o meio-campo. Em vão. O Fluminense impõe seu toque de bola e, aos 18 minutos, Gil cruza e Carlos Alberto Pintinho se antecipa a Zé Eduardo, sem dar chance para Tobias.

O gol assusta mas não esfria o ânimo da torcida. Onze minutos depois, Vaguinho centra para Neca cabecear. Ruço, de meia-bicicleta, todo torto, vence o goleiro Renato e empata a partida. O tempo todo, a massa empurra o time. O Maracanã vira um lamaçal e o jogo fica feio tecnicamente. O Corinthians se defende como pode. É só raça.

Vem a prorrogação e os ataques e contra-ataques se sucedem. O 1 x 1 persiste e a decisão é nos pênaltis. Um ritual de tortura pouco recomendável para os corações mais fracos. O presidente Vicente Matheus reza no túnel enquanto os jogadores se aprontam para as cobranças. Neca bate primeiro. Chuta. Marca. Rodrigues Neto vem depois. Tobias defende, mas o juiz manda voltar. Novo chute, novo erro. Explode um carnaval, o barulho é ensurdecedor. Tobias defende outro pênalti. Ruço e Moisés também conferem. A vantagem é grande e Zé Maria vai cobrar o último. Chuta e... pimba! É um gol histórico, daqueles de lembrar para sempre. Agora, o exército pode voltar para a base. Missão cumprida. ▶

Ruço *(acima)*, Moisés e Zé Maria *(abaixo)* contra Rivelino no Maracanã, em 1976: a Fiel fez chover no Rio

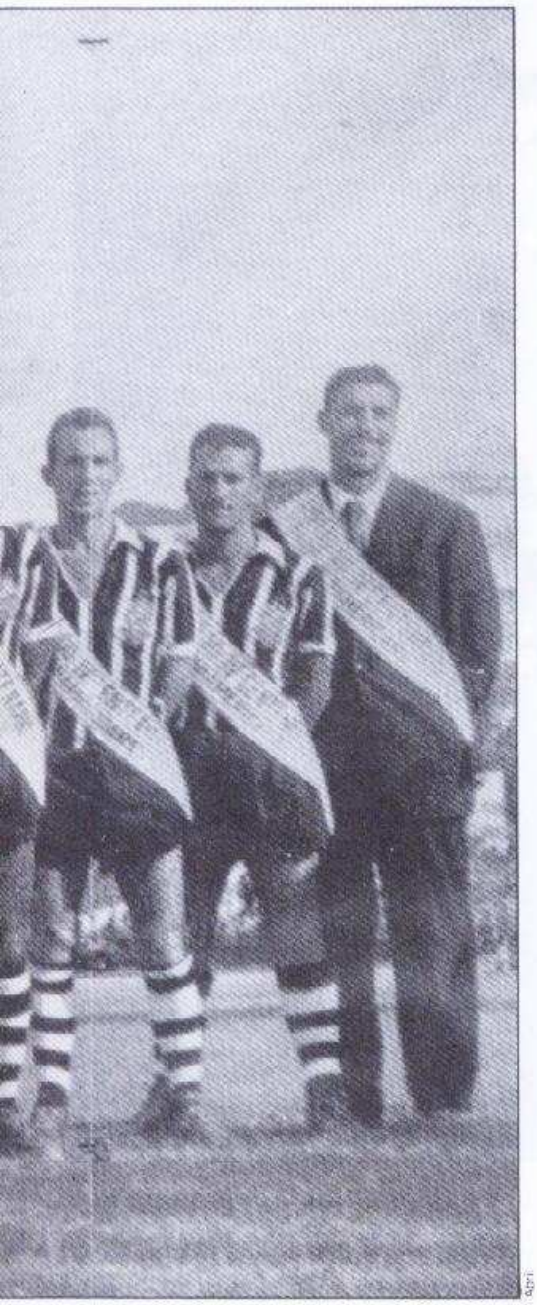
Fotos Acri

AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS

O dia 6 de fevereiro de 1955 amanheceu ensolarado. Desde cedo, o movimento nas ruas era intenso. Carros e ônibus passavam lotados em direção ao Estádio do Pacaembu. Às 4 da tarde, Corinthians e Palmeiras decidiriam o Campeonato Paulista do ano anterior e o vencedor seria o Campeão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Para o Corinthians, bastava o empate. Estava três pontos na frente e só tinha mais um jogo, com o São Paulo. O Palmeiras, não. Precisava da vitória e, caso a conseguisse, ainda teria de torcer pelo tricolor.

Muito folclore cercava a disputa. Do lado palmeirense, um pai-de-santo mandou o presidente do clube, Paschoal Byron Juliano, gessar a perna e carregar uma bengala branca, com a qual benzeria o treinador Aimoré Moreira — dois toques em cada ombro — para deixá-lo com o corpo fechado. Como se não bastasse, mandou o time entrar em campo vestido de azul. Ordem extraterrena. Não podia ser contestada.

No Corinthians, um presidente ner-



Os campeões do IV Centenário: de Gilmar ao mestre Osvaldo Brandão, um grupo de heróis que, ao empatar com o Palmeiras na final, conquistou um dos títulos mais embalados pela saudade dos corintianos

voso — Alfredo Ignacio Trindade — ficava no vestiário, rosário nas mãos, lágrimas nos olhos, numa reza sentida. Que se acelerou quando os jogadores entraram em campo com seus calções negros, camisas brancas e distintivo sobre o coração.

Pacaembu lotado. A bola rola no meio-campo, a parada é dura. Aos 10 minutos, Goiano recupera uma bola na intermediária, lança para Rafael, que centra para a área. Luizinho se antecipa a Waldemar Fiume e bate forte, de cabeça, sem chance para Laércio. O Pacaembu vira uma loucura, mas o time cai na retranca. Quando o primeiro tempo acaba, o goleiro Gilmar é o melhor homem em campo.

Começa o segundo tempo e a tensão aumenta. Aos 5 minutos, Homero faz falta em Liminha. Jair cobra e Idário erra na cabeçada. A bola vai entrando e Ney tem apenas o trabalho de empurrá-la. É o empate.

Passam-se os minutos, o jogo é dramático: Corinthians na defesa, Palmeiras no ataque. Gilmar vai salvando o time. O juiz Esteban Marino já olha para o relógio quando Humberto chega na marca de pênalti do Corinthians, vê o canto e chuta. Gilmar defende a bola. Não dá tempo para mais nada. Corinthians, Campeão dos Centenários!

A torcida invade o gramado e carrega os jogadores. Luizinho tem seu uniforme rasgado. Gilmar chora. Os torcedores Chico Mendes e Tan-Tan descobrem carros alegóricos que vão animar o carnaval nas ruas. A festa corintiana se arrasta pela madrugada e passa para a história.

Já eram 11 anos e 22 partidas sem uma única vitória contra o Santos. Um tabu que se arrastava desde 3 de novembro de 1957, quando o Corinthians empatou de 3 x 3 com o time da Vila Belmiro, conquistando a Taça dos Invictos e jogando pela primeira vez contra um garoto feroz chamado Pelé.

O Pacaembu estava lotado. O dia era 6 de março de 1968 e a cidade não tinha outro assunto que não fosse o jogo: "Será que desta vez dá?" O Corinthians, reforçado por Paulo Borges, Buião e o técnico Lula (vindo do Santos depois de 11 anos), entrou em campo. Nas arquibancadas, uma faixa demonstrava o espírito da torcida: "A Fiel não está de luto; só os covardes acreditam na derrota". E todos gritavam: "É hoje!"

Verdade que o goleiro Diogo não inspirava muita confiança e a maioria não acreditava que o lateral-direito Osvaldo Cunha pudesse levar a melhor contra o ofensivo ponta Edu. Mas a partida estava começando e o negócio era torcer. O Corinthians começa tentando sufocar o Santos. Cláudio faz boas defesas e o técnico santista Antoninho vaticina: "É fogo de palha! Deixa eles correrem!" No banco corintiano, o técnico Lula fuma um cigarro depois do outro e grita: "Flávio, vê se não dorme. Mexa-se!"

O primeiro tempo termina empatado. Luís Carlos é o melhor homem em campo e marca Pelé com segurança. No intervalo, a instrução de Lula é curta e grossa: "O time deve lutar como se fosse o último jogo da vida de cada um". E é com esse espírito que todos voltam ao campo para o segundo tempo.

A pressão do Timão aumenta. Rivelino coloca uma bola de primeira e ela bate na trave. Aos 13 minutos, Paulo Borges desce pela esquerda, tabela com Flávio e recebe na frente. Mesmo desequilibrado, arrisca um tiro de esquerda. É gol! Corinthians 1 x 0. Mas exige-se atenção. Pelé é impossível. Todos sabem.

Aos 31 minutos, Rivelino sai driblando, aproxima-se da área e aguarda a infiltração de Flávio. Coloca o centroavante na frente do gol e este não desperdiça a chance: enfia o pé com vontade e acaba com o tabu. Quando o juiz Roberto Goicochea apita o fim da partida, Pelé chora, os jogadores do Corinthians são carregados e o ponta-esquerda Edu, do Santos, leva a bola para o vestiário. "Um presente para o meu sargento", revelou, depois, o recruta.)

No dia seguinte, uma fila de torce-▶

AS PARTIDAS INESQUECÍVEIS

Flávio *(9)* e Paulo Borges: no dia 6 de março de 1968, eles fizeram os gols nos 2 x 0 sobre o Santos, acabaram com um tabu de 22 partidas e onze anos e entraram para a galeria de heróis alvinegros

dores contornava o quarteirão da Igreja dos Enforcados, na Liberdade. Os corintianos pagavam aliviados suas promessas, sabendo que a fé tinha ajudado o futebol a vencer o tabu, a derrotar o imbatível Santos de Pelé.

Naquela noite de verão, em 1977, não restou uma única cerveja nos bares de São Paulo. A sede corintiana era muita e nao dava mesmo para ficar de goela seca, agüentando toda a emoção só com a coragem. O jeito era tomar uma e torcer. Desesperadamente. Até com loucura. Vinte e dois anos sem um campeonato era muita coisa. Centenas de jogadores tinham aparecido e sumido; dezenas de técnicos tinham passado pelo clube; a dor pesava no sofrido peito corintiano. A torcida era imensa, bem maior que antes, e estava sedenta. Entre eles, um único desejo, uma idéia fixa: "Corinthians campeão!"

O time entra em campo. No banco, a força de Osvaldo Brandão. Profético, ele tinha avisado Basílio: "Você vai fazer o gol do título". Agora, era ver para confirmar.

Começa a partida. Provocações agitam o ambiente. O Corinthians vai para cima, mas a defesa da Ponte Preta é forte e está bem postada. Luciano, que substitui Palhinha, dá logo um chutão. A bola passa por Carlos e bate na trave. Afobado, o zagueiro Polozi quase marca contra. Deus!

Aos 16 minutos, a vez é deles. Rui Rei penetra na área e leva a bola com a mão. É obstruído por Wladimir, mas Dulcídio Wanderley Boschilia já havia marcado a primeira falta. Rui Rei reclama, leva cartão amarelo. Prossegue na reclamação e é expulso. Mas a Ponte, mesmo com dez, se desdobra. Aos 39 minutos, é a vez de Geraldão aproveitar o cruzamento de Vaguinho e cabecear, mas Carlos defende. Acaba o primeiro tempo e os 1 900 guardas de serviço no Morumbi têm muito trabalho para evitar brigas e acalmar os ânimos.

Começa o segundo tempo e os dois times estão cautelosos. O medo é recíproco. Aos 17 minutos, Luciano chuta uma bola perigosa. Oito minutos depois, é a vez de Dicá cabecear sozinho. O velho Brandão levanta do banco e manda o time ir para a frente. É tudo ou nada. Nas arquibancadas, os torcedores se vigiam uns aos outros com medo de que o coração falhe.

São 37 minutos. Zé Maria cobra uma falta pelo lado direito. Sobra para Vaguinho, que manda a bola na trave. A sobra agora é de Wladimir, que cabeceia. Oscar salva, o rebote é de Basílio. O pé direito bate e marca.

"Gooooll! Gol do Brasil", narra um empolgado locutor, captando bem o espírito da vitória.

Faltam ainda 8 minutos. O medo existe e está no ar. A bola não pára em campo, vai para todo lado. O problema é não deixar que chegue ao gol de Tobias. Que se dane o esquema tático. Oscar e Geraldão brigam e são expulsos. Palhinha está no túnel, roendo seu boné marrom, quando Dulcídio pega a bola e encerra o jogo. Osvaldo Brandão é carregado pelos torcedores. Vicente Matheus perde um pé de sapato e a multidão invade o campo. Enlouquecidos, comem a grama ou a guardam no bolso. Vale tudo como recordação. Os heróis, meio nus, dão a volta olímpica. O coro do "é campeão" invade a madrugada. São Paulo não é mais cinza — é preto e branco. Para saudar o encontro do povo com a glória. ●

Fotos Abril

Basílio marca o gol do título de 1977 e provoca uma explosão de 22 anos

Ricardo Correa

O centroavante Viola comemora seu gol contra o Guarani: vitória de um trabalho de jovens e veteranos

A ÚLTIMA CONQUISTA

CAMPEÃO MOVIDO A VIOLA E CORAÇÃO

Empurrado pela fé da fiel torcida e com um gol do menino centroavante, o Timão fatura seu 20.º título paulista

Quis o destino corintiano que um garoto desconhecido se tornasse imortal em seu primeiro jogo com a camisa titular. Ao esticar a perna esquerda e empurrar para o gol do Guarani uma bola sem rumo chutada pelo volante Wílson Mano, o jovem centroavante Viola pulou de alegria e saltou para a história alvinegra. Naquele exato momento — aos 5 minutos do primeiro tempo da prorrogação —, o Timão conquistou sua vigésima taça de campeão paulista, diante da fiel torcida que rumou para Campinas a bordo de 110 ônibus. Mais ainda: o gol de Viola consolidou um trabalho que uniu, até aquela vitória no último dia de julho de 1988, veteranos e novos valores.

Enquanto o volante Márcio, de 23 anos, corria até o círculo central do Estádio Brinco de Ouro da Princesa, agitando uma enorme bandeira, o ponta João Paulo, de 31, chorava feito um iniciante, pulando por todo o campo. "Chegamos a um ponto em que o grupo parece ter idêntica experiência", atestava o técnico Jair Pereira. Nem mesmo sua própria ausência no banco de reservas — Jair foi suspenso por vinte dias depois de ser expulso no empate com o São Paulo (1 x 1), no início de julho — abalou o ritmo da equipe.

Com o sistema de comunicações por rádio, o treinador comandou o grupo, nos dois jogos finais, dos camarotes. No gramado, o preparador físico Cláudio Café era o receptor, berrando as instruções para os jogadores. Antes de o jogo iniciar, Jair adiantava o clima de tensão: "Se eles apelarem para a violência, vamos revidar. Ninguém deve ser santinho no nosso time". De fato, os alvos principais dos dois times apontavam para as canelas dos pontas, o bugrino João Paulo e o alvinegro Paulinho Carioca. Com isso, o primeiro tempo terminava em melancólico 0 x 0, para delírio da torcida do Guarani. Afinal, segurando um empate até o final da prorrogação, o título ficaria em Campinas.

Nervoso, o técnico Jair Pereira não poupava berros no vestiário. "Nosso ataque não pode se mexer nas faltas cruzadas para a área. Por que não obedecem ao que treinamos durante a semana inteira?", pedia ele, angustiado ao observar as feições de dor do meia Éverton, talismã do Parque São Jorge, acometido por um hematoma na coxa direita que insistia em inchar. Depois das instruções do técnico, um profundo silêncio baixou sobre o grupo. Da arquibancada tingida de preto e branco, no entanto, ouvia-se a velha mania de berrar com o coração aquela palavra mágica: "Corinthians". "A gente só se olhou e sentiu que a missão não era impossível", comentava depois o eufórico lateral Dida.

Com Éverton substituído por Wílson Mano, que aliás passara o dia emburrado ao saber que tinha perdido a posição para Viola, a equipe voltava a campo determinada. No inimigo, mudavam as ▶

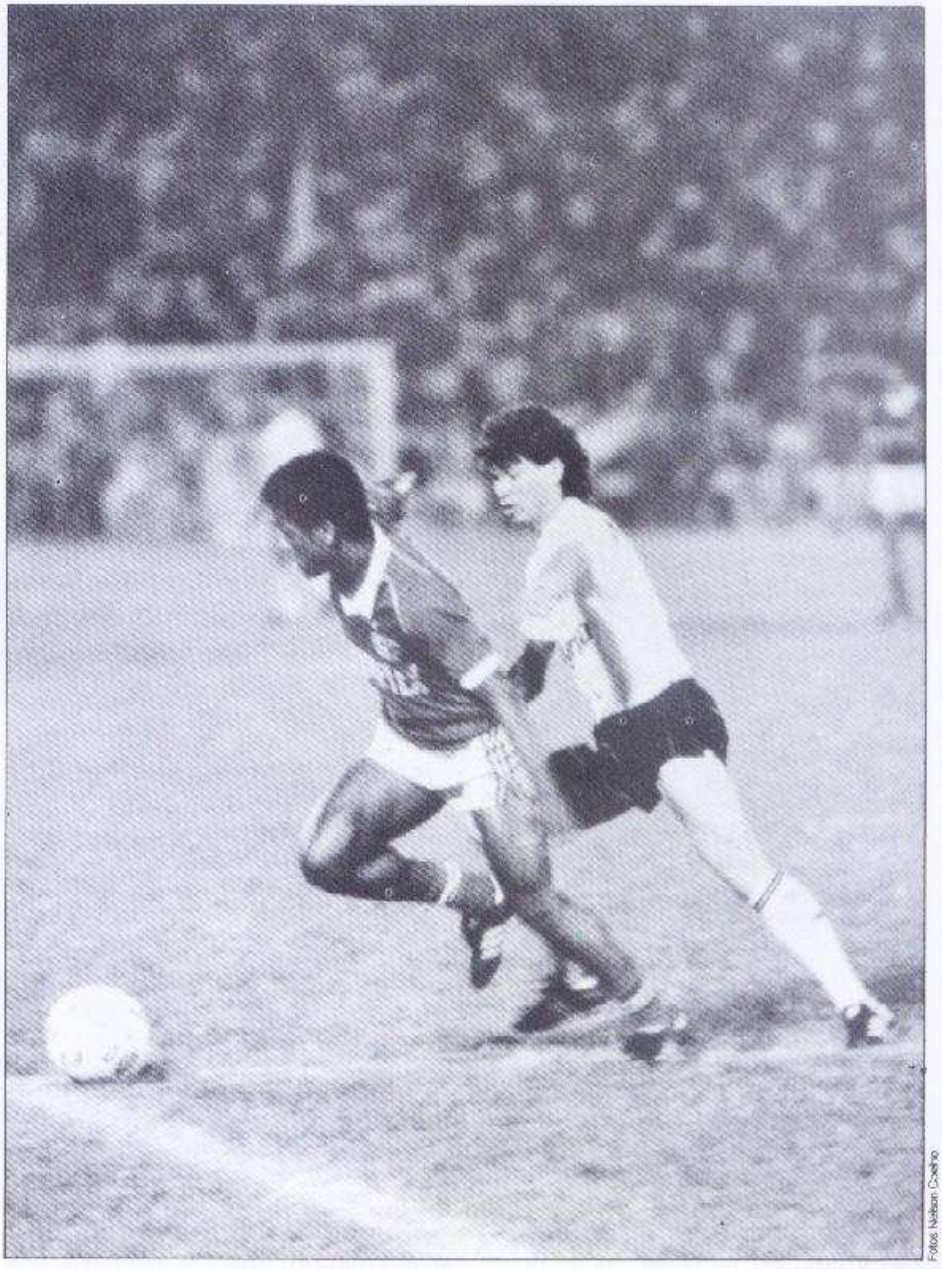
A ÚLTIMA CONQUISTA

Duas opções de ataque e defesa: o volante Biro-Biro *(acima)*, que se mexia por toda a parte, baratinando os adversários, e o lateral Édson *(à esquerda)*, responsável pela marcação implacável ao principal jogador bugrino, o ponta-esquerda João Paulo.

ordens do técnico Carbone, que agora pedia mais agressividade aos jogadores de ataque. "Eles estão nervosos e frágeis", esfregava as mãos.

Na verdade, se ainda tivesse cabelos, Carbone ficaria com eles em pé com o que viu. O goleiro Ronaldo firmava-se no comando da defesa, acompanhado do zagueiro Marcelo. Biro-Biro continuava se matando em campo, como já fizera ao longo de todo o campeonato: mexia-se por toda parte e baratinava os adversários, que ficavam a sua caça.

O capricho dos deuses, porém, encerrou o tempo normal com um sofrido empate sem gols. A paixão alvinegra sofria com a espera, sem esconder uma ponta de desapontamento com o jovem atacante Viola, que surpreendeu com um futebol leve e gingado na primeira partida da final. Mas os deuses não falham — aos cinco minutos da prorroga-



Os momentos decisivos da prorrogação, quando os minutos não passavam: os alvinegros Wilson Mano, Denilson e Marcelo se plantavam na defesa *(abaixo)* enquanto o lateral Édson segurava a vitória de 1 x 0 *(à direita)*, cercando o desespero do adversário

Fotos Nelson Coelho

ção, a fiel reverenciava o jovem Paulo Sérgio Rosa, o Viola, um apelido herdado de uma pobre marca de chuteiras; enfim, o Basílio dos anos 80. Confinado nos camarotes, o técnico Jair Pereira pulava de alegria, gritando no microfone e quase ensurdecendo o preparador Café. No gramado, os jogadores se abraçavam emocionados, diante dos incrédulos bugrinos, até então confiantes em uma suposta superioridade.

O relógio, que vinha voando nos minutos, agora se arrastava — na verdade, sofrimento autêntico de corintiano é a manutenção do resultado. A guerra tornava-se então mais nervosa: "Pelo amor de Deus, Café! Faz o que eu mando. Pede para o doutor *(Joaquim Grava, médico do clube)* e o massagista entrarem em campo no pique. Não faz mal que eles sejam expulsos", rogava Jair, querendo segurar o jogo.

A ÚLTIMA CONQUISTA

Os minutos não queriam passar. E o pior é que não passavam mesmo! Na segunda etapa da prorrogação, o responsável pelo marcador eletrônico do Brinco de Ouro resolveu tomar uma medida totalmente inédita: como se fosse um jogo de basquete, ele brecava o relógio a cada paralisação mais demorada. Ao todo, foram seis — 2:49, 4:02 (expulsão de Paulinho Carioca e Paulo Isidoro), 7:39, 10:16, 11:07 e 11:50.

Por isso, quando o árbitro Arnaldo César Coelho encerrou a partida, o cronômetro indicava 12:11. "Sempre disseram que o Guarani era mais técnica e o Corinthians, mais força", afirmava o ótimo zagueiro Marcelo, um dos heróis corintianos. "Hoje provamos que sabemos mesclar as duas características." Durante a comemoração pela conquista do título, seu pé esquerdo, torcido na partida anterior e imobilizado por uma bota de atadura, começava a doer, o que não o impediu de correr a volta olímpica ao lado dos companheiros. No caminho dos camarotes aos vestiários, o técnico Jair Pereira só conseguia repetir uma única frase. "Eu é que sou f...", ironizava ele o desabafo do ponta bugrino Neto, ao comemorar seu belíssimo gol de bicicleta no primeiro jogo decisivo.

No campo, o goleiro Ronaldo corria até o círculo central com uma enorme bandeira da torcida Gaviões da Fiel e a agitava com alegria. Wilson Mano era outro possuído na comemoração: equilibrado sobre o peitoril do fosso, ele comandava o grito dos torcedores com uma azucrinante corneta. Já o lateral Édson iniciava um strip-tease na beirada do campo, jogando camisa, meiões e chuteiras para a massa. Mais tarde, no vestiário, um torcedor seria presenteado com o calção. Biro-Biro foi o único que

Nelson Coelho

conseguiu ficar com sua camisa. Ela estava prometida a seu pai, Antônio, que assistiu à partida pela televisão no Recife. Com o troféu de 4,5 kg nas mãos, Biro liderou a volta olímpica.

Já no vestiário, a festa rodeava o astro do jogo. Como os olhos ardiam com a espuma do sabonete, o centroavante Viola não conseguiu distinguir quem o estava puxando debaixo do chuveiro. Ao voltar a enxergar, deparou-se com o presidente Vicente Matheus fazendo biquinho e lhe aplicando um beijo na face. Mesmo assim, ele não estremeceu. "Joguei bem afinadinho, o senhor não acha?", arrematou, com um largo sorriso. A comemoração continuou depois na Avenida Paulista — o velho Corinthians campeão dos Centenários estava de volta. Foi campeão de 1922 (Centenário da Independência) e 1954 (IV Centenário de São Paulo). Agora, campeão no Centenário da Abolição.

O único ausente na festa era Éverton, afastado pelas dores na perna. Já em casa, no domingo à noite, ele chorou por estar distante. Acalmou-se ao rever os lances do jogo pela TV. E dormiu tranqüilo embalado pelo hino do Corinthians campeão.

Uma campanha de treze vitórias, dez empates e apenas quatro derrotas, além de terminar a competição mantendo a invencibilidade de dez partidas. Ao final, a galeria de heróis alvinegros foi enriquecida com onze novos mosqueteiros, que garantiram o 20.º título paulista: da esquerda para a direita, Biro-Biro, Denilson, Viola, Márcio, Ronaldo, Dida, Édson, João Paulo, Paulinho Carioca, Éverton e Marcelo

A HISTÓRIA DO CLUBE

VIDA E OBRA DO TIME DA RAÇA

O recorde de títulos paulistas resulta de uma proclamação feita pelo primeiro presidente: "O povo vai fazer o Corinthians grande"

Quem visse aqueles cinco rapazes formando um bolinho na Rua José Paulino, no Bom Retiro, podia adivinhar o assunto: futebol. Era só o que eles falavam. Naquele fim de tarde de 31 de agosto de 1910, já sob a luz dos lampiões a gás que iluminavam timidamente o centro de São Paulo, não era diferente. Ou melhor, era. Os rapazes, dessa vez, planejavam fundar um clube.

O que os estimulava era o estilo de uma equipe da Inglaterra, então de passagem pelo Brasil. Tratava-se do Corinthians Team, do qual eles tinham acabado de ver uma exibição.

"Fantásticos esses ingleses!", concordavam os cinco, todos funcionários da Estrada de Ferro São Paulo Railway e todos possuídos pela mesma idéia: criar um time de futebol... como aquele.

Uma idéia audaciosa, eles sabiam. Futebol, na época, era coisa de grã-finos. Fundar um clube exigia não só dinheiro como também coragem. Mas aquele prático e eficiente estilo inglês tinha reacendido a chama. Contavam com os amigos, com um terreno baldio na própria José Paulino (que, aplainado, poderia virar campo) e ainda tinham aquela paixão que ardia no peito. Não podiam mesmo esperar.

No dia seguinte, estavam lá outra vez. Era 1.º de setembro de 1910. Os cinco sonhadores — Joaquim Ambrósio, Carlos da Silva, Rafael Perrone, Antônio Pereira e Anselmo Correia — se reuniam com mais oito simpatizantes e fundavam ali mesmo, sob a luz do lampião, um clube de futebol. O presidente seria Miguel Bataglia, mas ainda faltava escolher o nome.

"Que tal Corinthians?", sugeriu Joaquim Ambrósio.

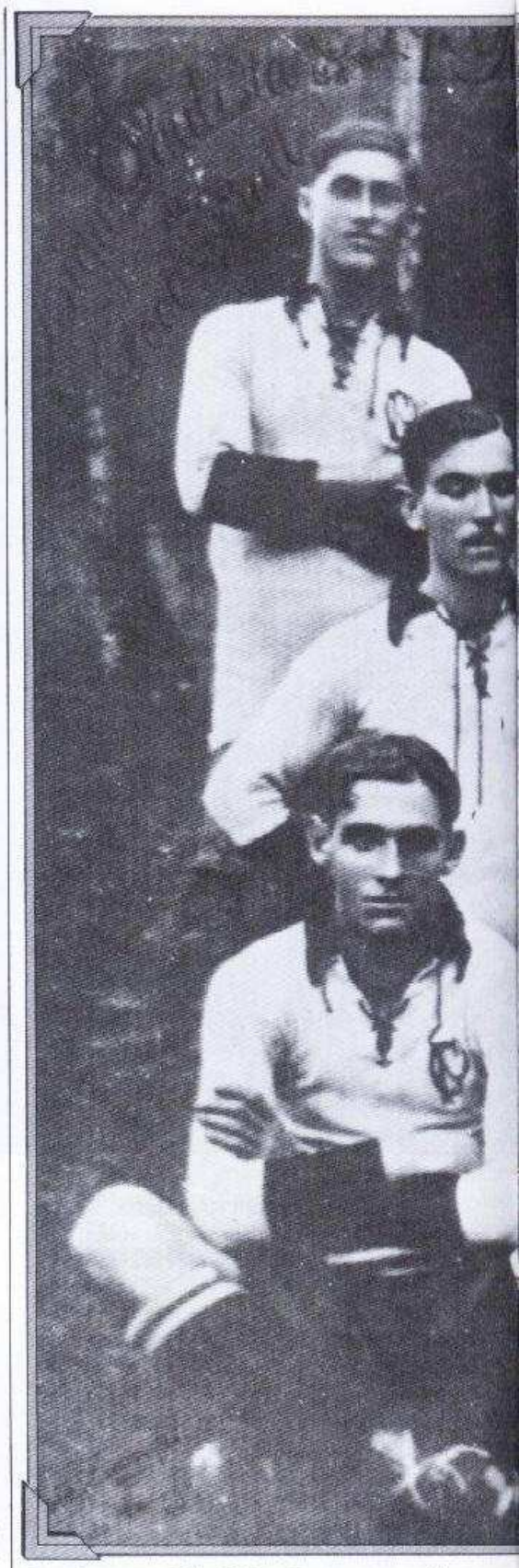
Todos aplaudiram e o presidente completou:

"Sport Club Corinthians Paulista!"

Mais aplausos. E só quando alguém perguntou onde iam arranjar o dinheiro é que o silêncio caiu entre os bravos fundadores.

"O Corinthians vai ser o time do povo", reagiu o presidente. "E o povo é quem vai fazer o time. Vamos iniciar uma coleta."

A PRIMEIRA BOLA — Uma semana depois, já apareciam os primeiros resultados. Tinham comprado a primeira bola de futebol do clube, manuseada com o cuidado que se dedica a um troféu, pois bolas eram importadas e custavam caríssimo. E, com entusiasmo de adolescentes, aplainavam o terreno baldio da Rua José Paulino. Mas faltava uma coisa: formar um quadro social.



A equipe campeã de 1914 e 16: com garra e já com um

grande torcida, a arrancada para a glória

A HISTÓRIA DO CLUBE

O segundo da esquerda para a direita, agachado, é Neco, o cracão do tricampeão de 1922, 23 e 24

Novamente bateram de porta em porta e cada um que chegava à barbearia de Salvador Bataglia, irmão de Miguel, trazia um novo adepto. Logo, a barbearia da Rua Júlio Conceição se tornou pequena para tantos sócios. A "sede" do clube foi então transferida para a confeitaria de Afonso Desidério, na Rua dos Imigrantes, 34. Não havia dúvidas, o Corinthians havia nascido para nunca mais parar de crescer.

No dia 14 de setembro, o time fazia seu primeiro treino, assistido por centenas de pessoas. Rafael Perrone era o capitão do time A e Anselmo Correia, o do B. O treino agradou, e no primeiro jogo da história do clube — contra outro time de várzea, o poderoso União da Lapa — o público foi ainda mais numeroso. No final, Lapa 1 x 0. Nada mau para uma equipe recém-formada.

A segunda partida foi marcada, dessa vez contra a Associação Atlética Lapa — um time temível, formado só por jogadores ingleses. Pois o Corinthians venceu de 5 x 0. A primeira vitória foi comemorada com muita festa no Bom Retiro.

O alvinegro tornava-se popular, criava fama, e já era um dos grandes da várzea paulistana. Precisava, agora, se filiar. Nessa época, 1913, o futebol paulista estava dividido: de um lado, Paulistano A.A., Palmeiras, Mackenzie, Ipiranga e Scotish Wanderers na Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA); do outro, Americano, Germânia e Internacional, os "três mosqueteiros", na Liga Paulista de Futebol. O Corinthians pleiteava uma vaga junto aos três, mas precisava vencer dois jogos eliminatórios para ser aceito. O time passa fácil pela prova e se torna o "quarto mosqueteiro" — o D'Artagnan, símbolo da vingança, que mantém até hoje.

CAMPEÃO INVICTO — No primeiro Campeonato Paulista, a participação do Corinthians não foi das melhores: terceiro lugar. Mas, no ano seguinte (1914), a grande torcida, quase toda de operários, via seu time ser campeão invicto da Liga. Em campo, Sebastião, Fúlvio e Casemiro; Pollice, Bianco e César; Américo, Peres, Amílcar, Aparício e Neco.

Em 1915, o Corinthians não participa do campeonato. Sai da Liga por divergências políticas e não consegue se filiar à APEA. Mas, em 1916, de volta à Liga, enfrenta e vence seu campeão — o Germânia — por 4 x 0 e ainda derrota o A.A. Palmeiras (campeão da APEA), por 3 x 0, obtendo, assim, uma vitória que o consagra como o melhor time de São Paulo.

Em 1917, com a extinção da Liga, a saída de Casemiro para o Mackenzie e a de Pollice para o Botafogo, o time sofre seu primeiro abalo. Seus três anos seguidos sem derrotas em jogos oficiais, no entanto, lhe valem um convite para integrar a APEA. E a reputação do Corinthians finalmente se consolida.

Naqueles anos, a tática futebolística

era primária e uma simples troca de função de dois jogadores (Neco de ponta para meia e Amílcar de centroavante para centromédio) consegue melhorar o time e levá-lo à final do campeonato de 1918. Resultado: Paulistano 1 x 0. Consolo: o Corinthians derrota o Flamengo por 2 x 1, em seu primeiro jogo interestadual.

Nessa época, as estrelas eram Amílcar e Neco. Faziam parte da Seleção Brasileira de 1919, que trouxe para o Brasil o título de campeão sul-americano disputado no campo do Fluminense, no Rio de Janeiro. Embora tenha ganhado o Torneio Início, sem eles o Corinthians não podia mesmo vencer o campeonato paulistano.

Em 1920, a história é a mesma: o Corinthians ganha o Torneio Início, mas perde o campeonato para o Palestra. Em 1921, a vez de ficar com o título é do Paulistano. O Corinthians, pela terceira vez, vence o Torneio Início.

1922: o vencedor do campeonato será o campeão do Centenário da Independência e carregará a honraria por 100 anos. O campeonato é uma guerra. Todos querem o título, mas ele só vai ser decidido na final: Corinthians 2 x Paulistano 0. A torcida delira e São Paulo entra em festa. Do campo, saem vitoriosos: Mário, Rafael e Del Debbio; Gelindo, Amílcar e Ciasca; Peres, Neco, Gambarotta, Tatu e Rodrigues — a mesma equipe que depois enfrenta o campeão carioca, o América, e leva por 2 x 0 o título de Campeão do Centenário do Brasil.

Em 1923 e 24, o sucesso é o mesmo e o Corinthians consegue um fato inédito: o tricampeonato paulista. Na equipe, algumas modificações: Colombo no lugar de Mário, Grané no de Rafael e Ruela no de Amílcar.

GRANÉ, UM CANHÃO — Em 1924, o futebol paulista entra em crise. O Paulistano, clube de elite, resolve fundar à Liga dos Amadores de Futebol (LAF). Alguns clubes deixam a APEA e a situação piora, para melhorar apenas em 1928. Nesse ano, o Corinthians compra o terreno do Parque São Jorge (por intermédio de seu presidente Ernesto Cassano e por 750 contos de réis) e o inaugura no dia 22 de julho, empatando por 2 x 2 com o América do Rio. Finalmente, conquista invicto o campeonato da APEA, jogando com Tuffy, o Satanás; Grané, o 420 (cujo chute era comparado ao 420, o canhão mais poderoso da época); Aparício, De Maria e o já veterano Neco.

Em 1929, enquanto o mundo sofria os reveses da quebra da Bolsa de Nova York, o Corinthians embriagava os paulistas conquistando invicto o bicampeonato. É nessa época que fica conhecido como o "time da virada", por empatar de 4 x 4 com a equipe inglesa do Chelsea, depois de estar perdendo por 3 x 0.

O campeonato de 1930 era quase certo. E não houve surpresa quando o Corinthians derrotou o Santos na final, por 5 x 1, conquistando pela segunda vez o título de tricampeão ▶

Fotos Abril

O tricampeão de 1928, 29 e 30: com apenas vinte anos de idade, a fama de grande papão de títulos

1937: o primeiro título na fase profissional foi, também, o do início do terceiro tri corintiano

paulista. Mas, no ano seguinte, o clube sofre alguns desfalques, com a saída de Rato, De Maria, Del Debbio e Filó (todos para a Itália) e só consegue a sexta posição no campeonato.

1932: explode a Revolução Constitucionalista. O Corinthians passa por uma nova crise e as lutas internas do clube acabam prejudicando a equipe, que só melhora um posto no final do campeonato: quinto lugar. Em 1933, 34 e 35, a situação não muda. Jogadores como Neco e Tuffy abandonam a carreira e a renovação não é fácil. Mas, em 1936, os sinais de melhora são evidentes. O time perde a melhor-de-três para o Palestra, mas já tem uma formação respeitável. Os destaques são Jaú, Jango, Brandão, Lopes, Rato e De Maria (já de volta) e Teleco. É com eles que consegue o título paulista de 1937.

Em 1938, o feito se repete num campeonato de um só turno, prejudicado pela disputa do Mundial na Itália. E, em 1939, a segunda conquista de um tricampeonato inicia para o Corinthians um período de efervescência.

Em 1940, o Pacaembu é inaugura-

do e o futebol paulista agora tem um estádio à altura de suas equipes. Nesse ano, 852 452 ingressos são vendidos durante o campeonato; o Corinthians alcança o quarto lugar.

Em 1941, líder de ponta a ponta do campeonato, o time entra em campo para disputar sua última partida contra o Palestra já com as faixas de campeão. Mas perde por 2 x 0 e o amargo gosto daquela derrota só passa no ano seguinte, com a vitória do torneio Quinela de Ouro, que reunia cinco grandes do Rio e de São Paulo: Corinthians, São Paulo, Palestra, Flamengo e Fluminense.

O Corinthians não consegue o título paulista em 1942, mas aumenta seu patrimônio, adquirindo o campo do Guarani, em frente ao Parque São Jorge. Até 1950, aliás, não vence nenhum campeonato paulista. Vive de esporádicas conquistas como as da Taça Cidade de São Paulo e os vice-campeonatos de 1943, 45, 46 e 47.

Em 1950, a situação muda: o Corinthians é o campeão do Torneio Rio-São Paulo, um campeonato importante. E, em 1951, vai finalmente à forra.

A PEQUENA COPA — Começa o jogo. O campeonato está ganho, mas falta vencer o arquiinimigo Palmeiras. Eles querem carimbar a faixa, mas desta vez não tem jeito: Corinthians 3 x Palmeiras 0 (gols de Carbone, Jackson e Luizinho). A campanha tinha sido impressionante: 28 jogos — 24 vitórias, duas derrotas e dois empates — e 103 gols.

Em 1952, com o presidente Alfredo Ignacio Trindade, o Corinthians conquista o bicampeonato antes mesmo da final contra o São Paulo (em 25 de janeiro de 1953) e vence o jogo, com três gols de Carbone.

Em 1953, um convite: disputar a Pequena Copa do Mundo, na Venezuela, junto com o Barcelona (Espanha), a Roma (Itália) e a seleção local. O Corinthians vai e não perde um jogo. Nem empata: vence todos e, na volta, é recebido festivamente em Congonhas. Mas toda essa atividade prejudica a conquista do título de 1953. Não faz mal. O que o presidente Trindade quer é o título de 1954, o do IV Centenário da Cidade de São Paulo, e no dia 6 de fevereiro de 1955 lá estão Corinthians e Palmeiras novamente disputando a final. Para o alvinegro basta o empate. E consegue: 1 x 1. Depois de 32 anos, o time tem outro título para se orgulhar — o Campeão dos Centená-

O RECORDISTA DE CANECOS

O espanhol Manoel Correcher, presidente corintiano nos anos 30, costumava dizer: *"Con razón o sin razón, Corinthians tiene siempre razón"*. Apaixonada, fanática, a frase resume de forma exemplar essa estranha força que o clube do Parque São Jorge exerce sobre seus milhões de fiéis torcedores espalhados por todo o Brasil. É algo acima do comum, além da razão. Um sentimento que só um corintiano de verdade sabe o que significa, mesmo que não possa definir. E os torcedores dos outros times, por desconhecerem essa paixão, a odeiam.

Compreende-se que a odeiem, pois é a paixão que empurra o Corinthians para suas conquistas. Sim, o Corinthians tem sempre razão, pois ela está com quem tem mais títulos. E quem é mais vezes campeão paulista? O Timão, com 20 títulos. Vamos conferir: 1914; 1916; tri em 1922, 23 e 24; novamente tri em 1928, 29 e 30; outra vez tri em 1937, 38 e 39; 1941; bicampeão em 1951 e 52; 1954 (o inesquecível título do IV Centenário da Cidade de São Paulo); 1977; 1979; novamente bi em 1982 e 83; 1988. Nenhum outro clube paulista alcançou essa marca.

No antigo Rio-São Paulo — disputado pelas maiores equipes dos dois Estados — o Corinthians também acumulou as suas glórias. Foi campeão em 1950, 53, 54 e 66 (dividindo esse último título com Santos, Botafogo e Vasco da Gama).

Em seus 79 anos de história, o Corinthians se acostumou a correr mundo. Entre os inúmeros torneios nacionais e internacionais de que participou, conquistou a Pequena Taça do Mundo, disputada na Venezuela em 1953; a Taça Portugália, em 1922; o Troféu Bandeirantes, em 1954; e tomou posse definitiva da Taça dos Invictos, depois de jogar 35 partidas sem uma única derrota, entre os anos de 1956 e 57. Conquistou definitivamente a Taça Cidade de São Paulo (entre 1942 e 52). E, como time popular que é, conquistou também a Taça do Povo, disputada em 1970 contra o Atlético-MG, o Flamengo e o Internacional.

Isto é, campeão é o Corinthians.

A HISTÓRIA DO CLUBE

rios —, que vem com o de bicampeão do Torneio Rio-São Paulo e o de campeão do Torneio Charles Miller.

Em 1955, o Torneio Charles Miller tem outra envergadura. Além do Corinthians, participam Palmeiras, Flamengo, América do Rio, Peñarol e Benfica. E é contra o time português que o alvinegro decide o título, vencendo por 2 x 1.

1958: começa um período de decadência. A equipe precisa ser reformulada. Índio e Zague não conseguem marcar os gols que Carbone e Baltazar faziam; e o capitão Cláudio Christovam Pinho deixa a ponta-direita para o juvenil Roberto Bataglia.

1959: Vicente Matheus ganha as eleições e contrata Sílvio Pirilo como técnico. Mais reformulações no time, mas o Corinthians não reage e chega em quarto lugar.

1960: Sílvio Pirilo briga com Luizinho e perde o cargo para Alfredo Ramos, que pouco depois o entrega a Jim Lopes. As derrotas causam desespero e Vicente Matheus contrata o pernambucano Almir por 8 milhões de cruzeiros, pagos de seu bolso. Os altos salários do *Pernambuquinho* incomodam a equipe. E os fracassos se sucedem.

"FAZ-ME RIR" — 1961: Wadih Helu vence as eleições e contrata, para o ataque, reservas do Flamengo. É tempo de Espanhol, de Manoelzinho, Ferreira e Beirute. O goleiro Gilmar não agüenta a gozação (o time é chamado de *Faz-Me Rir*) e pede para ser vendido ao Santos. Mas o Corinthians consegue uma boa dupla de artilheiros para a temporada de 1962, Nei e Silva, e é vice-campeão.

1963: Corinthians, sétimo lugar no Campeonato Paulista. A idade média do time é de 19 anos e o técnico, Paulo Amaral. Silva briga com o diretor de futebol, Elmo Franchini, e é afastado de equipe.

Em 1964, o gaúcho Flávio vem ganhar no alvinegro 80 000 cruzeiros. Luizinho, que tinha ido para a Juventus, volta. E a equipe tem chances de chegar ao título, mas perde do Santos por 7 x 4 e mergulha ainda no desespero.

Rivelino surge em 1965.

Para dar mais personalidade ao time, Wadih Helu contrata Dino Sani e o goleiro Marcial. Conseguem o terceiro lugar.

Garrincha chega em 1966, mas o velho Mané pouco ajuda. Mesmo assim, Corinthians, vice-campeão.

Em 1967, depois de o time cair um posto na colocação final, o técnico Zezé Moreira declara: "O Corinthians precisa é de um psicólogo, não de um treinador".

Em 1968 vem outro técnico: Lula, no Santos há quatorze anos. Vem para quebrar o tabu que já dura treze anos. E no dia 6 de março, finalmente, Corinthians 2 x Santos 0, gols de Paulo Borges e Flávio. A redenção custou 2 milhões de cruzeiros com as contratações de Paulo Borges, Buião e Eduardo. Mas o time fica em segundo lugar, outra vez atrás do Santos.

A esperança fica para 1969. E a diretoria continua contratando. Vieram Ado, Servílio, Miranda, Suingue e

O tricampeão de 1939: a partir daí o alvinegro começa a pensar no patrimônio, e três anos depois compra um campo no Parque São Jorge

Ivair. Quando o time começa a pegar, morrem num acidente de automóvel o lateral Lidu e o ponta-esquerda Eduardo. O Corinthians, então líder do campeonato, amarga três derrotas e o Santos conquista o segundo tricampeonato.

CRISE FINANCEIRA — Em 1970, mesmo com a vinda de Zé Maria e do centroavante Mirandinha, o time vence apenas seis dos 18 jogos e fica em quinto lugar.

Wadih Helu perde as eleições em 1971, e o técnico Aimoré Moreira — que insiste na renovação do time com Adãozinho, Peri, Tuta e Ferreira — vê o São Paulo ser bicampeão. O Corinthians enfrenta séria crise financeira.

No dia 15 de agosto de 1972, o presidente Miguel Martinez é destituído do cargo, assumindo Vicente Matheus. Rivelino pede para sair, ao ver o Palmeiras disputando o título com o São Paulo. É a crise.

EM 1973, a história não muda. Chega o disciplinador Iustrich e só arranja confusão. Pelé consegue seu último título paulista, dividido com a Portuguesa.

O time perde por 1 x 0 a decisão do ▶

Fotos Abril

O campeão de 1977: o fim de uma espera de 23 anos veio com um time raçudo e determinado

A HISTÓRIA DO CLUBE

Abril

Bicampeão em 1983: sob o comando do Doutor Sócrates, garra e um irresistível toque de classe

campeonato de 1974 para o Palmeiras. A torcida, revoltada com os 20 anos de jejum, atribui a derrota à falta de raça de seu maior ídolo, Rivelino. No princípio de 1975, o Garoto do Parque é vendido ao Fluminense, num clima de desânimo total.

Em 1976, a Fiel começa a tomar novo impulso. O Campeonato Paulista fica com o Palmeiras, mas, no Campeonato Brasileiro, o Corinthians consegue o vice, perdendo para o Internacional na decisão. A invasão que a torcida faz ao Estádio do Maracanã para ver o time vencer o Fluminense nos pênaltis, no entanto, é inesquecível. São mais de 70 000 corintianos no Rio de Janeiro.

Em 13 de outubro de 1977, quando o Corinthians entra em campo para enfrentar o time da Ponte Preta pela decisão do título, toda a cidade de São Paulo vive um clima meio de euforia, meio de desespero. Será que finalmente o pesadelo de 23 anos vai acabar? A tensão está no ar. É mortal.

Aos 37 minutos do segundo tempo, bola na área da Ponte. Bate num jogador, quase vai fora, bate na trave, volta para Basílio e... goooooooOOOLLLLL! O grito vara a noite, percorre o Brasil, entra para a História.

Depois disso, o clube retoma a tranqüilidade e o crescimento. Em 1978, não consegue ser bicampeão, mas traz Sócrates do Botafogo de Ribeirão Preto. Em 1979, Sócrates e Palhinha comandam o time na conquista de outro campeonato. Novamente a vítima, na final, é a Ponte Preta. O resultado: Corinthians 2 x 0. O dia: 10 de fevereiro de 1980.

Em 1980, o time faz uma campanha regular. E o mesmo acontece em 1981. O São Paulo aproveita a chance e conquista um bi.

Em 1982, já com o presidente Waldemar Pires no lugar de Vicente Matheus, o Corinthians muda a estrutura arcaica de seu futebol. O diretor de futebol, Adílson Monteiro Alves, vive junto com o elenco o projeto da democracia corintiana. A idéia básica é um cooperativismo entre os jogadores, com direito de expressão a todos. A iniciativa, apesar de muitas pressões internas e externas, tem êxito. O time consegue o título de 1982 e é bicampeão em 1983, com Sócrates & Cia., depois de 31 anos.

BI DEMOCRÁTICO — 1983: decididos a conquistar o bicampeonato paulista, o presidente Waldemar Pires e o vice de futebol Adilson Monteiro Alves reforçam a equipe com o controvertido golei-

ro Leão, o zagueiro Juninho e o volante Paulinho. Com 24 vitórias, 17 empates e 7 derrotas, o Timão conquista seu segundo título consecutivo. Sócrates é o artilheiro do campeonato, com 21 gols.

Em 1984, o maior ídolo do Corinthians, Sócrates, é vendido à Fiorentina por 1,5 milhão de dólares. O dinheiro abre as portas do Parque São Jorge para uma enxurrada de contratações: os pontas João Paulo e Arturzinho, o lateral Edson, o goleiro Carlos, o volante Dunga e o centroavante Lima. Mas faltou alguém com a malícia do Doutor e o time perde a final para o Santos.

O ano de 1985 começa com Serginho desembarcando no Parque. Logo depois, Waldemar Pires contrata Hugo De León, do Grêmio, por cifra recorde: 1,7 milhão de dólares. Mas perde a eleição para Roberto Pasqua e o time, desunido, não chega às semifinais.

Orlando Kissner

Viola marca o gol do título de 1988: do anonimato para a glória

A CONSTITUIÇÃO ALVINEGRA

O Sport Club Corinthians Paulista é uma sociedade civil, de fins não lucrativos, e de duração por tempo indeterminado, reza seu estatuto. Tem personalidade jurídica distinta da de seus sócios, que não respondem pelas obrigações assumidas pelo clube.

O quadro social é composto de:

1. Titulados (fundadores, grandes beneméritos, beneméritos e atletas laureados);
2. Contribuintes (portadores de títulos patrimoniais, dependentes e extramunicipes);
3. Militantes;
4. Sócios de futebol.

Todos eles, por força estatutária, têm o direito de votar e serem votados para o Conselho Deliberativo (CD).

O Corinthians tem cinco poderes:

1. A Assembléia Geral (AG), que se reúne de quatro em quatro anos no mês de março, para eleger novo Conselho Deliberativo;
2. O Conselho Deliberativo, que é soberano e escolhe a diretoria do clube, inclusive conselheiros, presidente e vice-presidente;
3. O Conselho de Orientação (Cori), que fiscaliza a administração da diretoria;
4. O Conselho Fiscal, que verifica a escrituração geral do clube;
5. A Diretoria, composta de 21 membros e liderada por um presidente e um vice.

O Conselho Deliberativo, que deve ser constituído de dois terços de brasileiros, reúne membros vitalícios (que devem corresponder a 30% do Conselho Deliberativo) e eleitos, com mandatos de quatro anos. Os demais (conselheiro, vice e presidente) têm mandatos de dois anos, sendo que o presidente pode ser reeleito uma única vez consecutiva. Assim, ele pode estender sua principal atribuição: contratar os jogadores e técnicos indicados pelo vice de futebol. Isso, é claro, é o que diz o estatuto. Na prática, um presidente com a personalidade de Vicente Matheus jamais seguirá as indicações de seu vice-presidente de futebol. Ele contrata técnicos e jogadores segundo a própria cabeça.

Matheus, aliás, já teve ocasião de provar que é o mandachuva mesmo quando ocupa a vice-presidência de futebol. Certa ocasião, impedido de reeleger-se pela segunda vez, conseguiu colocar seu irmão Isidoro Matheus na presidência do clube, mas continuou dando as cartas.

O nome Corinthians e seus símbolos são de propriedade da sociedade, mas não há restrições a seu uso para dar denominação a bairros, localidades ou municípios, nem para associações ou homenagens sem fins lucrativos.

1986: escaldado pelas críticas, Pasqua vai às compras: traz Edvaldo, Wilson Mano, Waldir Peres, Cristóvão e Cacau. Mas o time cai diante do Palmeiras nas semifinais.

1987: Vicente Matheus volta à presidência, torce o nariz para a contratação de Jorginho, do Palmeiras, e fecha o cofre. O time despenca para o último lugar no Paulistão. A reação começa com a chegada do técnico Formiga, que — incrível — leva a equipe às finais do campeonato. Deu São Paulo, mas a Fiel saiu do estádio cantando.

E SURGE VIOLA — Em 1988, o técnico Jair Pereira faz milagres. Com apenas dois reforços — Denílson e Paulinho Carioca —, ele se volta para a prata da casa e promove uma fornada: Marcelo, Ronaldo, Marcos Roberto e Márcio. A maior surpresa, porém, é o centroavante Viola, que joga apenas uma partida e meia e marca o gol da vitória (1 x 0) sobre o Guarani na decisão.

1989: o reeleito presidente Vicente Matheus contrata pouco, e assim mesmo sob pressão. Vêm Giba, Barbieri, Ribamar e Cláudio Adão. Palhinha substitui o técnico Ênio Andrade e o time reage. Mas cai nas semifinais, diante do São José. ●

OS GRANDES ÍDOLOS

ESTES NINGUÉM ESQUECE

Craques ou grossos, discretos ou malabaristas, calmos ou temperamentais, todos têm lugar de honra na memória do torcedor. São os imortais do Timão

BALTAZAR

Para os companheiros, ele era o *Batata*. Para os cronistas da década de 50, era o *Cabecinha de Ouro*, por ter marcado mais de 150 gols de cabeça dos 267 que fez em 13 anos de Corinthians. Mas, para a torcida, ele era mesmo o Baltazar, um dos três reis magos — figura lendária, capaz de resolver as maiores aflições no menor espaço de tempo.

Osvaldo Silva, o centroavante Baltazar, era mesmo capaz disso. Esperava o passe preciso de Cláudio, saía correndo e, com um poderoso impulso, saltava mais que os beques. A cabeçada era um verdadeiro chute, tamanha sua força. Ele tinha seus devaneios. E um deles foi realizado. Antes da Copa de 1954, torrou todo o dinheiro que tinha num Cadillac, para pouco depois perdê-lo, incendiado por um curto-circuito. Mas a torcida o elegeu "o craque mais querido do Brasil" e o prêmio foi um Studbaker.

Em 1952, na II Copa Rio, o Corinthians venceu o time do Saarbruken por 6 x 1. Baltazar marcou cinco vezes. Nesse mesmo ano, foi o artilheiro do Campeonato Paulista, com 27 gols. Na Copa de 1954, 90% dos gols do Brasil foram marcados por ele. Foi campeão paulista em 1951, 52 e 54; campeão sul-americano em 1952 e reserva na Copa do Mundo de 1950. Baltazar saiu do Corinthians em 1959 e terminou sua carreira no Juventus.

"A memória falha e a cabeça dói muito", costumava dizer anos atrás, brincando com o fato de seu forte ter sido o cabeceio. "Mas a torcida merecia."

Baltazar: sentindo dor de cabeça e falta de memória, de tanto saltar e tocar a bola para a rede. Foram mais de 150 gols de cabeça do ídolo que até carro ganhou da torcida

SÓCRATES

Foi no dia 20 de agosto de 1978. O Corinthians tinha acabado de empatar com o Santos, 1 x 1. O jogador magro e espigado, recém-contratado pelo clube, estava num canto do vestiário dando uma entrevista. "Que tal sua estréia?", perguntou um dos repórteres. E ele: "Razoável. Preciso me adaptar ao conjunto, pois futebol se joga coletivamente". Todos olharam. Era Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira falando.

Naquele dia, nascia um ídolo. Diferente dos outros, comedido nas declarações, capaz de conter as emoções e de dominar qualquer situação com sua lógica fria. Seu futebol inteligente e oportuno não demorou a ser reconhecido. O toque de calcanhar, que virou marca registrada, era invenção dele: não precisava virar o corpo e o passe era mais rápido.

E, fato inédito: uma cabeça-fria. Tão fria que a torcida chegou a estranhar. Mas, um dia, lá veio ele correndo, de braços abertos e punhos erguidos, carregando dois ou três companheiros nas costas até a arquibancada. A galera desabou.

Deu duro no Corinthians. Ajudou a ganhar os campeonatos de 1979, 82 e 83. A irreverência da juventude tinha voltado ao clube, com força. Inclusive para abrir um capítulo na história do futebol, chamado "democracia corintiana", que ele liderou. Depois, fez contrato com a Fiorentina, da Itália, e se foi. Voltou, para jogar no Flamengo. Abandonou o futebol em 1986, mas não resistiu: está de volta, no Santos.

Sócrates: sua classe era demais. Mas a torcida não entendia sua frieza. Uma dia, lá veio ele correndo, de braços abertos e punhos erguidos, carregando companheiros nas costas até a arquibancada. Naquele dia, se tornou um ídolo completo

Fotos Abril

Zé Maria: chorou no jogo de despedida, confessando que o Corinthians era um pedaço que arrancavam dele

ZÉ MARIA

Durante 13 anos, a camisa número 2 do Corinthians entrou em campo no peito de um torcedor apaixonado: José Maria Rodrigues Alves — Zé Maria, para o povo. O negro forte festejou vitórias, amargou derrotas e, muitas vezes, chorou. Quando o clube perdeu a final de 1974, não saiu de casa um mês. "Tinha vergonha", confessou depois. Musculoso, pesado, seus companheiros o chamavam de robô. Mas, de máquina, Zé Maria não tinha nada. Cheio de emoções, não resistia aos gritos da torcida. "É que, às vezes, vejo o rosto de meu pai entre eles", disse uma vez. Em 1983, acumulou a função de técnico com a de jogador — e ainda cumpria mandato de vereador na Câmara Municipal de São Paulo. Mas não gostou de dar ordens. Saiu. Sentia-se, também, velho para jogar. E anunciou sua despedida no jogo Corinthians x Santo André (10/9/83). Carregado pelos companheiros, teve a camisa disputada ainda em campo. Não resistiu. "Estão tirando um pedaço de mim", disse chorando. Era o mesmo Super-Zé do primeiro dia de clube.

WLADIMIR

Wladimir Rodrigues dos Santos tinha 17 anos e jogava no juvenil quando o técnico Iustrich pôs o olho nele. Autoritário e prepotente, Iustrich, nesse caso, mostrou sensibilidade e coragem: ali estava o jogador ideal para substituir o lateral-esquerdo Eberval. O garoto franzino passou para os titulares e nunca mais saiu do time.

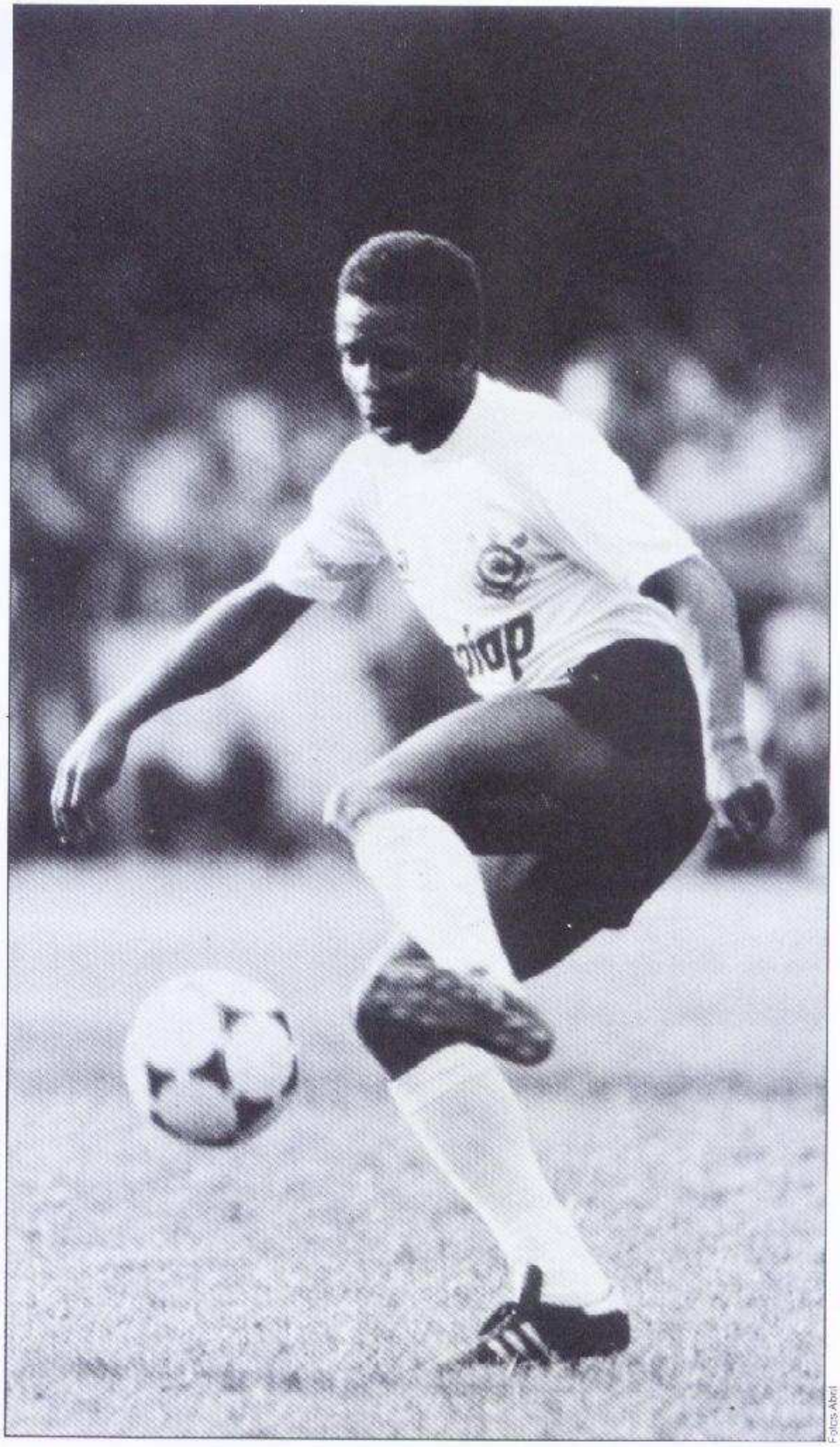
No começo, o estilo de Wladimir era bastante criticado. "Ele não sabe avançar", diziam alguns. Mas o *Saci*, como era chamado pelos companheiros, seguiu seu ritmo manso, humilde.

Era um ótimo defensor. Maravilhava a torcida com seus desarmes e carrinhos perfeitos, sem jamais atingir o adversário. "Não existe no mundo um lateral tão eficiente na marcação", proclamavam os torcedores.

Mas, fora de campo, ele sempre foi prejudicado pelo presidente Vicente Matheus. "Era um sufoco. Eu entrava na sala dos homens e já ficava apavorado." Claro, as propostas para renovação de contrato eram sempre aviltadas. Mas, arrimo de família (pai e seis irmãos), ele acabava aceitando. E nem por isso diminuía sua dedicação em campo.

Sofreu muito com a perda do título em 1974 e foi um dos melhores na conquista de 1977. Wladimir não era um lateral-esquerdo daqueles que estavam sempre no apoio. Mas quantos gols ele marcou ao surgir de surpresa na área adversária... Não tinha espírito de armador. Ou defendia, ou aparecia como atacante. O gol do título de 1977, aliás, teve a sua participação: Basílio pegou o rebote de uma conclusão sua.

De preparo físico privilegiado, faltou a apenas dois treinos do Corinthians — um por problemas de coluna, outro por uma conjuntivite. Jogou mais de três anos seguidos sem faltar a uma partida. Foi presidente do Sindicato dos Atletas. Deixou o Corinthians em 1986, para jogar no Santo André. Passou pelo Cruzeiro e atualmente está no Santos.



Fotos Abril

▶ **Wladimir: carrinhos precisos, desarmes perfeitos, sorriso corintiano**

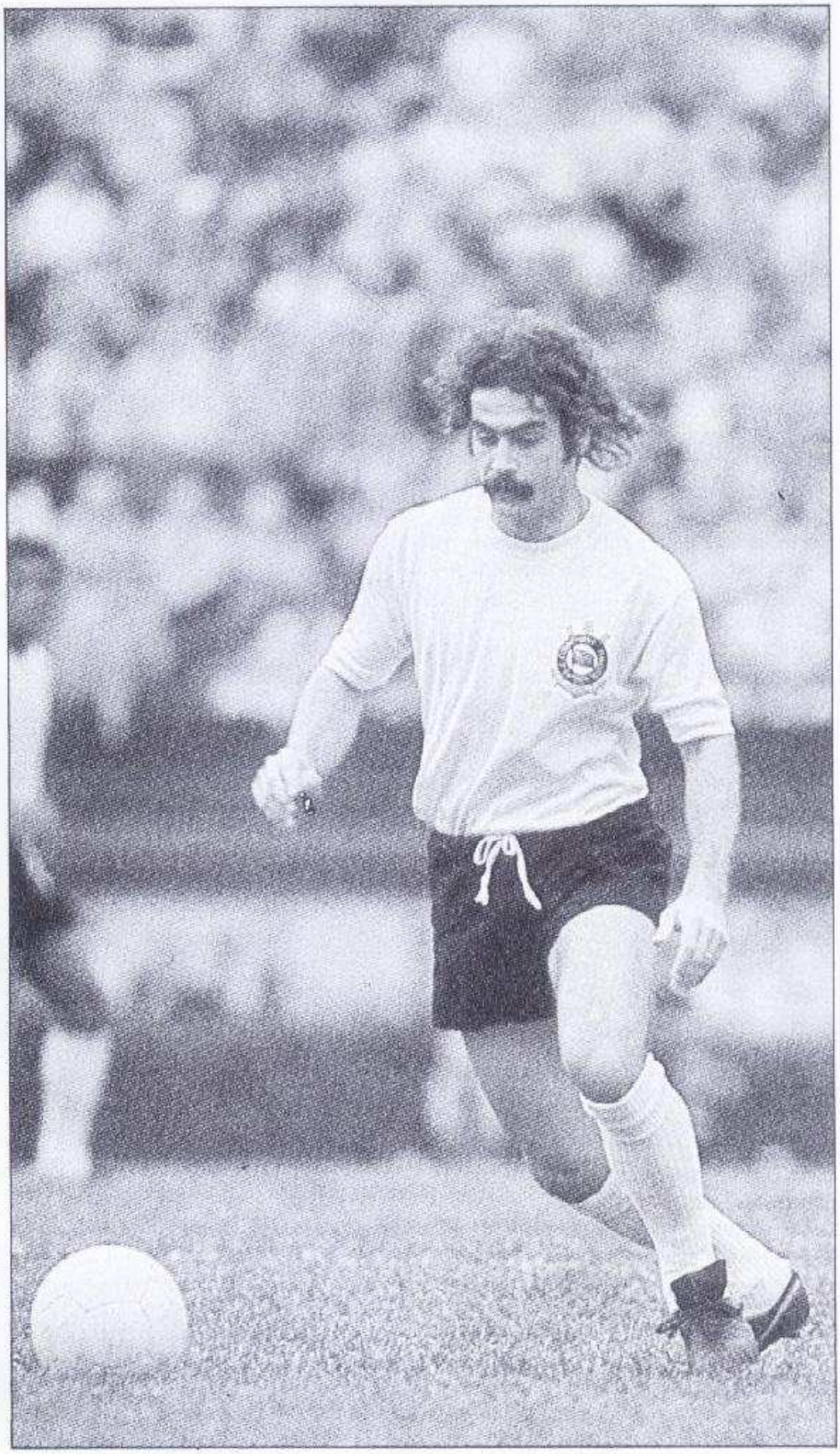
RIVELINO

Deus ou diabo? Herói ou vilão? Para Roberto Rivelino, o garoto simples que chegou ao Parque São Jorge na década de 60, as críticas sempre foram radicais. Apresentou-se como *Maloca*, dizendo que jogava no Palmeirinha de Vila Guarani e queria tentar a sorte. Em 1965, estreava no time oficial já como uma nova esperança.

Rivelino era um temperamental. Na história do clube, poucos conseguiram reunir tanta criatividade, habilidade e potência de chute. Para a torcida, era perfeito. Para os companheiros, nem tanto. Diziam que os intimidava com seus gritos. "É que cobravam tudo dele", depôs o técnico Osvaldo Brandão. "Se o time ia bem, era por causa dele. Se ia mal, também."

Rivelino começou a ser lembrado para a Seleção Brasileira em 1968. Foi tricampeão do mundo em 1970 e seu chute ganhou dos mexicanos o apelido: *Patada Atômica*. No Corinthians, sua situação era a mesma: crucificado nas derrotas, endeusado nas vitórias. Em 1974, conheceu a pior fase de sua carreira, chegando a ser escorraçado pela torcida corintiana, que lhe atribuiu a pecha de covarde. Foi para o Fluminense, em 1975. Em 1978, quando completou 122 partidas pela Seleção, o príncipe Khaled Bin Yazid Bin Abdulah Al Saud o contratou para jogar na Arábia, no time de El Helal. Tempos depois da volta, passou a integrar a Seleção Brasileira de Seniores. Frustração? "Não, o que Deus traçou eu cumpri", acostumou-se a repetir o *Reizinho do Parque*, uma cicatriz aberta na alma corintiana.

Os torcedores têm más lembranças da decisão do Campeonato Paulista de 1974. Mas isso não impede que Rivelino seja visto como o maior meia-esquerda da história do clube *(veja na página 46)*. Vão ficar para sempre na memória corintiana os lançamentos de trivela, o drible em que ele passava o pé sobre a bola para deslocar o adversário e, sobretudo, aquele chute. Um chute de artilheiro que não precisava entrar na área.



Rivelino: a *Patada Atômica* não precisava chegar na área para fazer gol

TUFFY

Tuffy Neugen não era um goleiro comum. Ele só se vestia de preto. Às vezes deixava crescer a barba. Quando cansava da própria imagem, raspava a barba e deixava longas costeletas. Debaixo das traves, essa figura impressionante exibia uma agilidade infernal. Não foi sem motivo, então, que os torcedores o apelidaram *Satanás*.

Tuffy nasceu em 1899, em Santos. Com nove anos, jogou nos infantis do Cruzeiro do Sul. Quando completou 18, passou para a Associação Atlética Palmeiras, onde foi atuar no segundo quadro. Mas não demorou muito para conquistar o lugar no primeiro.

Quando já estava no time principal, revelou-se a alma cigana de Tuffy. Aconteceu que o Palmeiras foi fazer uma excursão a Pernambuco. Ele se agradou do clima, das praias, das morenas e dos salões de jogos e, quando a delegação se preparava para a volta, ele declarou: "Encontrei o paraíso e vou ficar. Mandem notícias minhas para os meus amigos".

Bobagem. Pouco tempo depois, os amigos de São Paulo souberam que ele andava no outro extremo do país. Para trás, junto com os cassinos e as morenas, tinha ficado o título de campeão pernambucano pelo América; pela frente, a construção da lenda de grande goleiro do Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul.

Tuffy voltou para São Paulo para jogar no Sírio. Nessa época, 1925, foi o goleiro da Seleção Brasileira que disputou o Sul-Americano em Buenos Aires. Em 1927, retornou à sua cidade para jogar no Santos. Mas foi eliminado nesse mesmo ano, depois dos incidentes da final do Brasileiro de Seleções — ele e outros paulistas impediram que os cariocas batessem um pênalti. Logo perdoado pelo Santos, preferiu ir para o Corinthians. Foi um dos heróis do jogo contra o Bologna (Corinthians 3 x 1). A lenda do *Satanás* ganhou mais força quando se tornou tricampeão em 1928, 29 e 30. Mas aí o aventureiro pendurou as chuteiras e foi ser gerente do cinema Rosário, o mais luxuoso de São Paulo.

Tuffy: um aventureiro, um cigano que se apaixonou pelo Timão e ficou

Luizinho: driblava, voltava, driblava de novo, sentava na bola, o moleque

LUIZINHO

Quando o *Pequeno Polegar* entrava em campo, com os calções enrolados para não cobrir os joelhos, a torcida delirava. O moleque Luizinho, o miúdo Luís Trochillo, o supremo herói corintiano daquele tempo, adorava essa recepção. Poucas vezes se viu jogador e torcida se darem tão bem. Ela apoiava e aplaudia tudo o que ele inventava. Quanto mais aplausos recebia, mais Luizinho fazia as coisas de que ela gostava.

Luizinho tinha um "João" predileto: Luís Villa, meio-campo do Palmeiras. Toda vez que acontecia o "derby", podia a torcida corintiana contar que haveria um espetáculo à parte. O moleque driblava Luís Villa — um gringo metido a milongueiro — e, em vez de seguir com a bola, voltava para driblá-lo de novo. Certa vez, chegou a sentar na bola depois de derrubar Villa com uma ginga de corpo. Sentou e chamou o gringo.

Baixinho folgado! Vivia aprontando, apanhando, levando cacete, voltando. Sempre acenando com a mão, chamando o adversário para tomar outra. A torcida adorava. E ela se fartou com o número de vezes que viu Luizinho entrar em campo para o seu show. Ele jogou 589 partidas pelo Corinthians — um recorde jamais igualado por qualquer outro jogador.

Em 1953, foi considerado o melhor dentre todos os participantes da Pequena Taça do Mundo, em Caracas, na Venezuela. Em 1956, no Pacaembu, deu um baile na Tchecoslováquia (4 x 1), enlouquecendo os europeus com suas manhas. "Houve um momento em que eu e Zizinho fizemos oito passes sobre a cabeça de um zagueiro altão, que ficou como se fosse uma rede de pingue-pongue."

Baixinho valentão! Acabou brigando com o técnico Sílvio Pirillo, que o dispensou. Foi jogar no Juventus. "Ainda vão sentir minha falta", avisou. Adivinhou. Em 1964, o Corinthians chamava-o de volta. Com a injustiça reparada, ele já estava pronto para pendurar as chuteiras. A última molecagem do *Pequeno Polegar*.

Fotos Abril

Neco: um dia, correu um adversário estalando a cinta e ficou como símbolo do inconformismo alvinegro

NECO

"Tira a cinta, Neco!", pedia a torcida. Manoel Nunes, o Neco, punha a mão na cintura, fazia um gesto ameaçador e encarava o adversário. Mas a cinta ficava no lugar. O gesto era só para intimidar. Uma vez, no Rio, chegou a correr atrás do centromédio Nascimento, da Seleção Carioca. Mas, quando o alcançou, a raiva já havia passado.

Desde que chegou ao clube, em 1913, até o dia em que pendurou as chuteiras, em 1930, Neco foi líder incontestável. Com ele, não havia derrota. E, mesmo quando o jogo estava perdido, não deixava de chamar os companheiros à luta. Dizia que jogava por amor e não por dinheiro. E, por amor ao Corinthians, perdeu muitos empregos. Em compensação, ganhou o carinho da torcida, orgulhosa da bravura de seu ídolo. Foi o jogador que permaneceu mais tempo no time (17 anos), sendo oito vezes campeão paulista (1914, 16, 22, 23, 24, 28, 29, 30). Teve quinze participações na Seleção Brasileira e foi bicampeão brasileiro interseleções defendendo São Paulo. Muitos anos depois, ganhou uma estátua no Corinthians — o único jogador a ter esta honra. E, até hoje, os funcionários do Parque São Jorge vivem contando aos mais jovens sua história. "Tira a cinta, Neco!"

A estátua e a lenda são merecidas. Foi com Neco que começou a mística da raça corintiana. Ao olhar sua estátua e conhecer sua história, não há jogador com coragem de negar seu suor ao time.

CLÁUDIO

De 1944 a 1958, o Corinthians teve dois técnicos: um sentado no banco e outro dentro do campo. O do banco podia ser qualquer um. Mas o do gramado era insubstituível. Ele era o *Gerente*, com o seu parco 1,62 m de altura. Cláudio Christovam Pinho, o maior ponta-direita que o Corinthians já teve. Seu feito: 295 gols marcados, o maior número da história do clube.

Cláudio não mandava em campo porque fosse metido. Era um líder nato. Comandava com segurança porque jogava com perfeição. Embora baixinho, não tinha nada dos pontinhas cascadores que infestam o futebol brasileiro de hoje. Objetivo, Cláudio aplicava o drible curto e rápido enquanto media a distância que o separava do atacante que deveria concluir o lance. Quando chegava à linha de fundo, era só executar. E com que precisão saía o cruzamento. Baltazar, o *Cabecinha de Ouro*, que marcou mais de 150 gols de cabeça, que o diga.

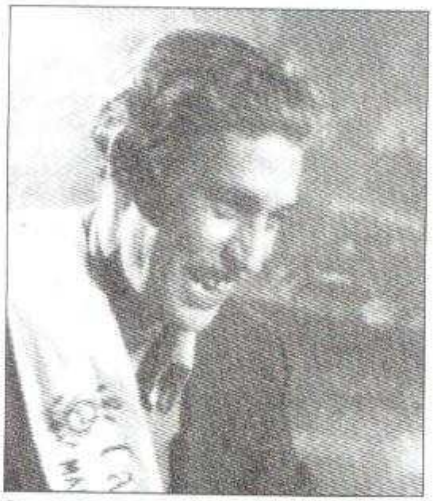
A coragem de Cláudio também será lembrada para sempre. Num jogo contra o Penarol, na II Taça Rio, os uruguaios massacraram Murilo e Baltazar, que tiveram de sair de campo na maca. O que fez Cláudio? Resolveu tirar partido da violência com que os adversários entravam nos atacantes do Corinthians. Praticamente se ofereceu como alvo. Depois de fazer um gol de pênalti, ele continuou expondo sua canela aos uruguaios. Numa daquelas, foi encaçapado na entrada da área. Falta. Ele ajeitou a bola com carinho e meteu de trivela, lá no ângulo. Vitória do Corinthians. Cláudio foi carregado como herói.

Campeão da Copa Rio Branco, em 1947, campeão sul-americano em 1949, seu maior sonho era disputar a Copa do Mundo de 1950. Mas não foi convocado — aliás, uma tremenda injustiça. Em 1956, o Corinthians promoveu-o a técnico e, pouco depois, demitiu-o sem explicações. Encerrou a carreira no São Paulo. E continua campeão: é o melhor jogador de tamborcu de praia em Santos, onde mora.

Fotos Abril

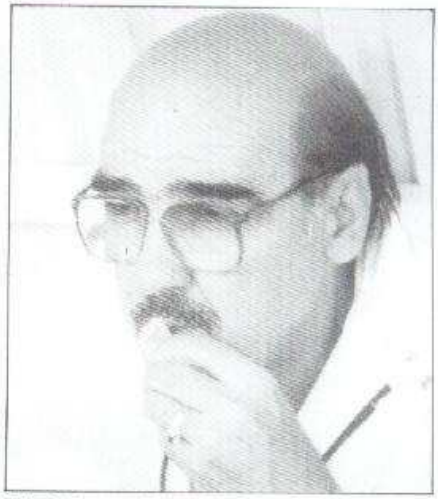
Cláudio: um craque, um valente, que vencia até violência de uruguaio

TODOS OS COMANDANTES



Osvaldo Brandao: raposa no túnel

Jorge Vieira: estrategista esperto



Mário Travaglini: visão e paciência

Nos 79 anos de vida do Corinthians, seus vários times tiveram a tática e a estatégia em campo definidas por 52 homens. Entre tantos nomes, destaca-se naturalmente Osvaldo Brandao, que esteve no comando técnico do Timão em cinco ocasiões diferentes. São da gestão do velho treinador as conquistas mais significativas da história recente do alvinegro: os títulos de campeão paulista no ano do IV Centenário da Cidade de São Paulo, em 1954, e de 1977, quando se interrompeu a dolorosa série de 23 anos de jejum.

Brandão era um técnico simples e carismático. Nascido em Taquara, no Rio Grande do Sul, e com uma breve carreira de jogador — iniciada no Internacional, de sua terra —, ele sabia como poucos tocar no brio dos jogadores. Em termos de tática não era brilhante, mas seus estratagemas simples quase sempre davam certo. "Basílio, hoje você vai jogar de ponta-direita recuado para marcar o Odirlei", disse ao seu meia-armador na noite do título de 1977. Odirlei, dinamo da Ponte Preta, foi anulado, e o Corinthians pôde controlar o jogo.

Em nível nacional, o Corinthians conseguiu sua melhor classificação em 1976, sendo vice-campeão. Nesse ano, o técnico era Duque, um homem de fala mansa e grande capacidade de dar harmonia a uma equipe.

O último título — campeão paulista de 1988 — veio com Jair Pereira.

A seguir, todos os técnicos da história do timão.

1910/11 — Rafael Perrone
1912/14 — Casimiro Gonçalves
1915/20 — Amílcar Barbuy
1921/25 — Guido Giacomelli
1926/28 — Ángelo Rocco
1929/31 — Virgílio Montarini
1932/34 — José de Carlo
1935/36 — José Foquer
1937/39 — Antônio Pereira
1940/42 — Del Debbio
1943/45 — João Chiavone
1946/47 — Triger
1948 — Gentil Cardoso
1949/50 — Joreca
1951 — Newton
1951/54] — Rato
1954/58 — Osvaldo Brandão
1959 — Silvio Pirillo
1960/61 — João Lima
1961 — Jim Lopes
1961 — Alfredo Ramos
1961/62 — Martim Francisco
1962 — Fleitas Solich
1963 — Roberto Belangero
1964 — Paulo Amaral
1964/65 — Filpo Nuñez
1966 — Zezé Moreira
1967/68 — Lula
1968 — Osvaldo Brandão
1969/70 — Dino Sani
1971 — Aimore Moreira
1971 — Francisco Sarno
1971 — Baltazar
1972 — Francisco Sarno
1972 — Luizinho
1972/73 — Duque
1973/74 — Iustrich
1974 — Silvio Pirillo
1975 — Milton Buzetto
1976 — Duque
1977/78 — Osvaldo Brandão
1978/79 — José Teixeira
1979/80 — Jorge Vieira
1980 — Julinho
1980 — Orlando Fantoni
1980/81 — Osvaldo Brandão
1981 — Julinho
1981/83 — Mario Travaglini
1983 — Zé Maria
1983/84 — Jorge Veira
1984 — Hélio Maffia
1984 — Jair Picerni
1985 — Carlos Alberto Torres
1985 — Mário Travaglini
1985/86 — Rubens Minelli
1987 — Basílio
1987 — Formiga
1988 — Jair Pereira
1988 — Carlos Alberto Torres
1988/89 — José Carlos Fescina
1989 — Ênio Andrade
1989 — Palhinha

Teleco: ginga, gols e um especial prazer em ver os palestrinos chorando

TELECO

Em 1934, um mulato alto e elegante aportou no Corinthians, vindo do futebol paranaense. Chamava-se Uriel Fernandes, mas todos o chamavam de Teleco. A estréia do mulato foi marcada: seria precisamente contra o Palestra, já o maior rival do alvinegro.

Começa o jogo e o goleiro adversário, Nascimento, não perde a oportunidade de zombar do estreante. "Ô, caipira, vê se não tropeça na bola"; "O que o Corinthians viu em você?"; "No Paraná se joga futebol?". Teleco espumava de raiva. Talvez tenha sido o seu estado emocional que o impediu de marcar um ou dois dois gols em Nascimento. O Corinthians venceu por 1 x 0, mas ele saiu insatisfeito. E com ódio no peito. "Que time nojento, esse Palestra", comentava com os companheiros. A partir daquele dia, nenhum outro jogador corintiano da época punha tanta ênfase na rivalidade com esse inimigo.

Melhor para o Corinthians. "Gol de Teleco." Por 243 vezes em 234 partidas, a torcida corintiana deixou no ar esse grito — muitas vezes para gozar os palestrinos. A bola podia vir na altura que viesse. De costas para o gol, o mulato magro virava o corpo, enganava o zagueiro e mandava ver.

Os anos se passavam e Teleco não perdia o especial prazer de ganhar do Palestra. Em 1937, sua alegria foi maior ainda. Era a decisão do título com o arqui-rival. Ele estava machucado no joelho, e médicos, cartolas e o técnico queriam impedi-lo de jogar. Ele entrou assim mesmo e fez o gol do título.

Foi campeão em 1937, 38, 39 e 41. Em 1937, foi convocado pela Seleção para disputar a Taça Rocca. Mas — quem diria — não tinha passaporte e ficou. Teleco encerrou a carreira em 1944. Hoje é funcionário do clube que mais amou na vida. Sua função? Cuidar da sala de troféus do Corinthians. Passeando pela sala, o mulato olha para aqueles troféus não como um zelador. Olha como um dos donos.

SERVÍLIO

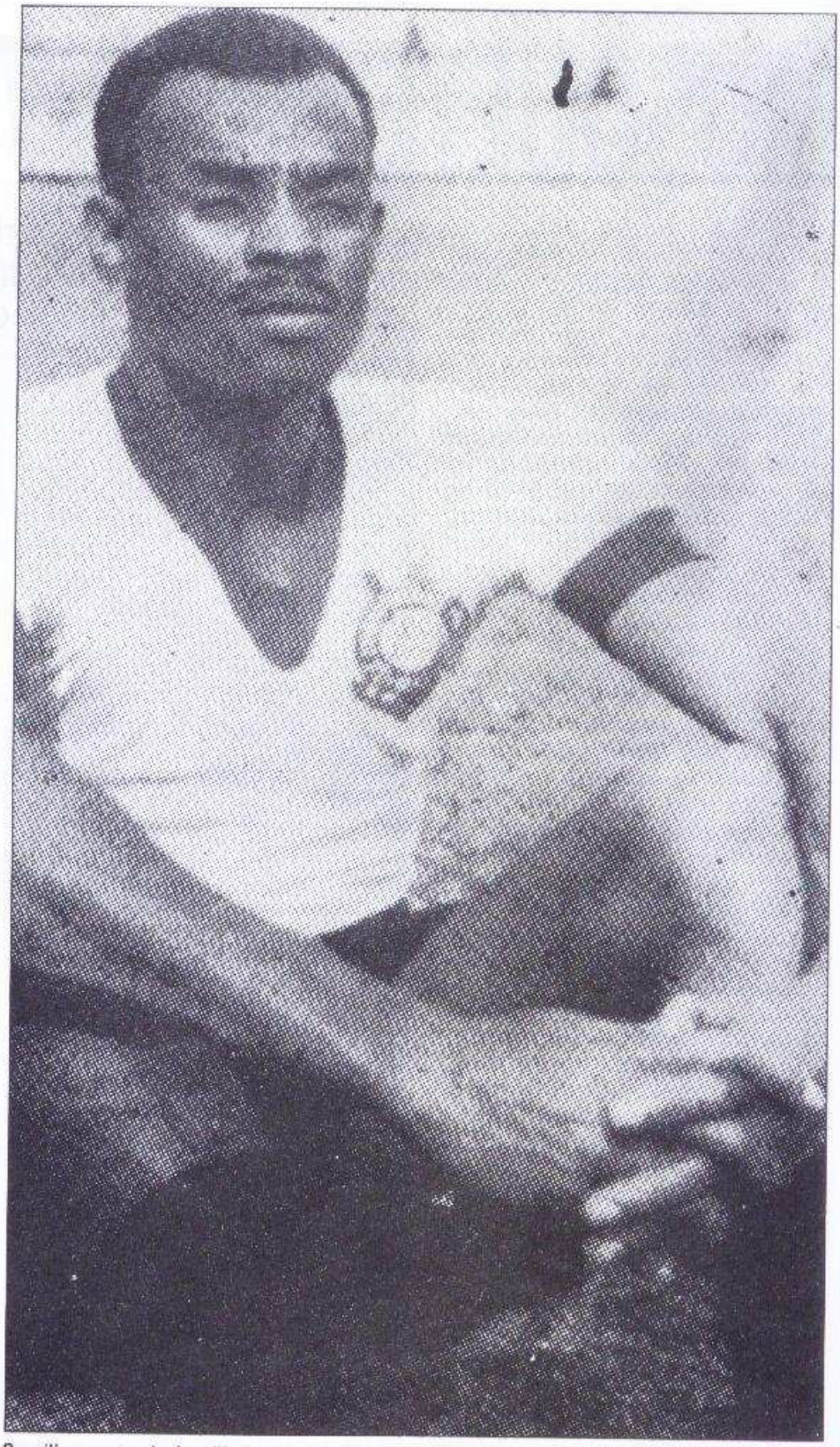
O baiano Servílio de Jesus era tão elegante que ficou conhecido como o *Bailarino*. Era um passo para cá, dois passos para lá, dois para frente, dois para trás, mais uma finta, e a bola e o adversário faziam-lhe par — bem a contragosto — no bailado humilhante que ele impunha e que, não raras vezes, terminava em gol.

Um ritmo aparentemente lento (quem viu não esquece suas passadas harmoniosas), mas que na verdade era uma forma de armazenar energia. O estilo fora cultivado desde os tempos do Galícia, da Bahia, onde se tornou famoso por seu chute forte e seco ao gol. Tranqüilão, bigode fino, logo que chegou ao Corinthians, em 1938, foi mostrando o que sabia. Foi campeão paulista no mesmo ano, repetindo a dose em 1939 e 41. Foi campeão da Quinela de Ouro e da Taça São Paulo, em 1942. Jogou na Seleção Paulista 14 vezes e seis na Seleção Brasileira — estas valendo pelos campeonatos sul-americanos em Montevidéu e Santiago.

Apesar de ser antes de tudo um preparador de jogadas — que o diga Teleco —, Servílio, já no fim de carreira, conseguiu ser artilheiro nos Campeonatos Paulistas de 1945, 46 e 47, anos em que os títulos minguaram no Parque São Jorge. Na verdade, ele representou o elo entre duas gerações de sucesso. A primeira, representada por Jango, Brandão e Teleco, e a segunda, por Cláudio Christovam Pinho e Baltazar.

Quando saiu do Corinthians, em 1948, sua "coreografia" estava mais lenta. A cabeça erguida, porém, demonstrava que só os músculos estavam cansados. A vontade de bailar era a mesma, só que pouco competitiva. O gostoso mesmo era dar os passos: um para cá, dois para lá...

Nos anos 60, Servílio de Jesus Filho fez nome no futebol brasileiro, envergando a camisa do Palmeiras. Mas, engraçado, todos os que o viam jogar falavam mais das qualidades de seu pai. Ele era o "filho do Bailarino". Tinha muitas qualidades. Mas só o "Bailarino" foi inesquecível.



Servílio: um terrível artilheiro que marcava gols com passos de dança

A SELEÇÃO DE TODOS OS TEMPOS

MOSQUETEIROS INVENCÍVEIS

Os melhores jogadores do Corinthians em todos os tempos estão aqui, num time só. Forme o seu e divirta-se fazendo comparações

Em sua edição 645, Placar conferiu a trinta corintianos uma missão muito especial: a escolha dos 11 melhores jogadores do Corinthians em todos os tempos, posição por posição. O resultado foi o seguinte: Gilmar, Zé Maria, Domingos da Guia, Goiano e Wladimir; Luizinho, Sócrates e Rivelino; Cláudio, Baltazar e De Maria.

Você não concorda? Então faça uma brincadeira: escale o seu melhor Corinthians de todos os tempos e ponha-o a disputar uma partida hipotética contra o time escolhido por aqueles eleitores. O resultado já se sabe — serão agradáveis momentos de recordação de jogadas maravilhosas.

Mas vamos ao esquadrão "oficial" de todas as épocas.

O goleiro Gilmar dos Santos Neves recebeu 22 votos. Começou no Corinthians em 1951. Foi o goleiro que mais vezes vestiu a camisa da Seleção Brasileira: jogou 100 partidas.

O lateral-direito Zé Maria — José Maria Rodrigues Alves — jogou de 1970 a 1983. Teve 22 votos.

Domingos da Guia, que atuou de 1944 a 1948 no Timão, foi o maior zagueiro-central de todos o tempos também do Flamengo. Ganhou oito votos.

Washington da Silva Guimarães, o Goiano (1953-59), teve oito votos. Está na zaga ao lado de Domingos da Guia.

Wladimir Rodrigues dos Santos (1981-84) recebeu dezoito votos. Marcador preciso, apoiador objetivo, ótima cabeça.

Luizinho — Luiz Trochillo — atuou de 1949 a 61 e em 1964. Ganhou 21 votos. Era um emérito driblador, um baixinho desaforado. Um *Pequeno Polegar*.

Fotos Abril

Gilmar: carisma e grandes defesas

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (1978-84) ganhou dezesseis votos. Técnica à parte, a Fiel passou a venerá-lo por uma razão muito especial: o Doutor assumiu o seu corintianismo.

Cláudio Christovam Pinho (1945-57) teve 23 votos. Este ponta-direita era líder dentro e fora do campo. Foi quem mais fez gol para o Timão: 295.

Roberto Rivelino (1965-74), 16 votos. Um ídolo eterno.

Osvaldo da Silva, o Baltazar (1947-58), teve dezoito votos. Em 402 partidas, marcou 267 gols — 150 de cabeça.

Alexandre De Maria (1927-31 e 1934-35). Com seu 1,90 m, era um terror para todas as defesas. Ganhou onze votos.

É possível que aqui e ali você discorde da escolha. Mas há de convir: trata-se de um timaço.

Não foi fácil conseguir a eleição dos melhores 11 jogadores de todos os tempos. No gol, por exemplo, as lembranças das defesas mirabolantes de Gilmar foram fortes o suficiente para garantir seu posto nessa Seleção. Mas foi com um indisfarçável sentido de ingratidão para com o grande Tuffy que muitos votaram em Gilmar. Afinal, aquele goleiro que entrava em campo todo de preto e era chamado de Satanás por suas defesas impossíveis tinha sido um dos mais respeitados heróis da história do clube. O mesmo aconteceu com Neco. Embora não tenha sido eleito, foi muito votado. Quem não se lembra daquele meia baixinho e rápido, que costumava ir buscar a bola em seu campo, para sair com ela escondida entre os pés, driblando até arrematar para o gol adversário? Daquele jogador abnegado que mereceu uma estátua no Parque São Jorge?

GRANDE DEFESA — Raça, valentia, força e técnica formam as virtudes que fizeram de Zé Maria, Domingos da Guia, Goiano e Wladimir os escolhidos para a grande defesa de todos os tempos do Timão. Wladimir, inclusive, ainda está em atividade, exibindo a mesma garra que fez dele um dos símbolos eternos do Corinthians.

No miolo da zaga figuram dois jogadores de estilos opostos: Domingos da Guia — o clássico que chegou ao clube já com 32 anos e jogou mais quatro, o bastante para que entrasse na galeria das estrelas imortais — e Goiano, pouco técnico, de jogo rude e violento, mas que também dava conta do recado. Era atrás de seu corpanzil, aliás, que o frágil Luizinho ia-se esconder quando os zagueiros adversários, cansados de suas jogadas atrevidas — eta, *Pequeno Polegar* danado! —, caçavam-no em campo em busca de vingança. Todos recuavam diante da cara feia daquele zagueirão de poucos amigos.

No meio-campo sobraram craques. E era inevitável que ficassem de fora monstros sagrados como Roberto Bellangero, Brandão, Amílcar, Rato, Dino Pavão e o gaúcho Touguinha. Mas, no fim, Luizinho, Rivelino e Sócrates — os mais votados — não poderiam mesmo faltar. Principalmente o *Pequeno Polegar*, magro e franzino, fintador como poucos na história do futebol brasileiro. Quantas vezes ele desmoralizou Luiz Villa, o enorme centromédio do Palmeiras? Quem não se lembra do dia em que ele, provocador, sentou na bola diante do gigante uruguaio como um toureiro se ajoelha diante de um touro exaurido? No entanto — e talvez até mesmo por isso, por sua irreverência —, poucas vezes foi convocado para a Seleção Brasileira. Numa dessas raras oportunidades, fez uma grande partida ao lado de Zizinho, numa memorável goleada do Brasil sobre a Tchecoslováquia (Rio, 4 x 1).

RIVELINO, REIZINHO — Roberto Rivelino, o Reizinho do Parque, a Patada Atômica, não teve a mesma sorte de Luizinho. Foi com um estranho sentimento de frustração — e algum rancor — que a torcida acompanhou, no começo de 1975, sua ida para o Fluminense do Rio de Janeiro. Ele deixava o Parque carregando a culpa pelo fracasso de todo o time, que na decisão de 22 de dezembro de 1974 tinha perdido o título paulista para o Palmeiras. Mas o tempo apagou a mágoa e ele foi eleito o maior meia-esquerda da história do Corinthians. Faz-se justiça, afinal. Quem poderia ser mais corintiano que aquele garoto irrequieto e temperamental, ao declarar, após a Copa do Mundo de 1970, que "trocaria tudo por um título paulista pelo Corinthians"? Seu drible de elástico, sua cobrança de falta certeira, seu canhão de esquerda jamais se apagarão da memória dos corintianos.

Domingos da Guia: genial veterano

De Maria: com seu 1,90 m, assustava

O toque de calcanhar, a visão de jogo e a habilidade de Sócrates, o Doutor, caracterizam um capítulo que será inesquecível na história do alvinegro. Frio e insensível em seus primeiros tempos de clube, ele é um símbolo de dedicação e amor à camisa. Um líder entre seus companheiros, capaz de jogar contundido e de comparecer à concentração, sem condições de atuar, só para incentivar a equipe.

CLÁUDIO, O GERENTE — O mais votado de todos os jogadores dessa Seleção foi Cláudio Christovam Pinho (23 indicações), o *Gerente*, sem dúvida o maior ponta-direita da história do alvinegro. Não é pouca coisa para um time que já teve nessa posição um Filó, um Paulo Borges e até mesmo um Garrincha em fim de carreira. Hábil com a bola, líder nato, Cláudio era um sinônimo de Corinthians. Com seus cruzamentos precisos para a área, ajudou a eleger outro monstro sagrado: Baltazar, o *Cabecinha de Ouro*, escolhido como o melhor centroavante do Timão de todos os tempos — derrotando até o valente artilheiro Teleco.

Completando o ataque, comparece De Maria, um ponta-esquerda hábil e de chute preciso, que encantou platéias nas décadas de 20 e 30. Foi eleito um punhado de bem cotados, como o malabarista Mário — que na frente do gol ainda voltava para dar um drible — e o ágil Eduardo, tragicamente desaparecido em 1968, antes de poder mostrar todo o seu belo futebol.

Mais que um time ideal, esta Seleção alvinegra de todos os tempos encerra um pouco da história de glórias de um time fantástico, de seus heróis e de sua torcida. Essa mesma torcida que continua pronta a consagrar, como no passado, seus ídolos imortais do futuro. ●

Editora Abril
Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA
Diretor Superintendente:
Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi,
Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati,
José Augusto Pinto Moreira,
Plácido Loriggio, Raymond Cohen,
Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa
Diretor de Assuntos Corporativos
Guilherme Velloso

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área
Antonio Sabino de Souza,
Carlos Roberto Berlinck,
José Roberto Guzzo,
Oswaldo de Almeida Filho
Diretores de Apoio e Staff
Antônio Carlos Ribeiro da Silva,
Eduardo Frezza, Julio Cosi,
Miguel Sanches,
Ricardo Vieira de Moraes,
Sebastião Martins, Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor de Grupo: Juca Kfouri

REDAÇÃO
Chefes de Redação: Alfredo Ogawa e Alvaro Almeida
Editor: Mário Sérgio Venditti
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórteres: Edson Rossi, Katia Perin, Manoel Coelho, Mauricio Rodrigues, Ubiratan Brasil
Fotógrafos: Nelson Coelho, Orlando Kissner, Silvio Porto
Editor de Arte: Walter Mazzucholli
Chefe de Arte: Alberto S.L. Magalhaes
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva, José Jonas de Lima, José da Luz Tenório, José Dionisio Filho, Rosalina Sasaki, Sergio Prado Martins
Secretários de Produção: José Batista de Carvalho, René Santos Filho
Preparação de Texto: José Gustavo Vasconcellos
Produção: Sebastião Silva
Sucursais
Rio de Janeiro - Chefe: Carlos Orletti
Repórteres Rio: Gilmar Ferreira, Jorge Luiz Rodrigues, Martha Esteves; **Fotógrafos:** Ari Gomes, Marco Antonio Cavalcanti; **Produção:** Nilton Claudino da Silva; **Belo Horizonte - Repórter:** Manuel Muniz; **Fotógrafo:** Nélio Rodrigues; **Curitiba - Repórter:** Roberto José da Silva; **Fotógrafo:** Sérgio Sade; **Porto Alegre - Repórter:** Divino Fonseca; **Fotógrafo:** Lemyr Martins; **Salvador - Repórter:** Luiz Brito
Serviços Editoriais - Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritórios: Dorrit Harazim (Nova York); Fernando Pacheco Jordão (Paris)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Gerente de Publicidade: Celso Marche
Gerente de Circulação: Marlene Conti Canto
Assistente Comercial: Rafael Viana Filho
Coordenadora: Tieko Kuniyuki
Supervisor: Ricardo O. Lima (RJ)
Contatos: Antonio Carlos de Campos, Alda Nogueira, Ricardo Brambilla (SP)

Diretor de Escritórios Regionais
Dreyfus Soares
Escritórios Regionais: Valter Cruz Gonçalves (Belo Horizonte); Gilberto Amaral de Sá (Brasília); Paulo Cesar D. Zambotti (Campinas); Angelo A. Costi (Curitiba); Geraldo Nilson de Azevedo (Florianópolis); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Elcenho Engel (Porto Alegre); Ana Maria de Oliveira (Recife); Elisabeth Silveira (Salvador)
Representante: Intermidia (Ribeirão Preto)

Diretora de Promoção e Pesquisa de Mídia
Haydee Gomes Guerson

Diretor Responsável: Juca Kfouri
Diretor de Propaganda: Ivo Carlos Do Maria
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. **Números atrasados:** ao preço de última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Serviço ao Assinante: (011) 823 9222

IVC

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

HINO, ESCUDO, UNIFORME

Abril

A marca do Timão

Os rapazes que fundaram o Corinthians em 1910 se esmeraram na concepção do escudo, optando pelo modelo seguido pela maioria dos clubes europeus da época: algo aproximado de uma figura geométrica, com letras entrelaçadas no centro.

O primeiro escudo do clube era quase um losango de fundo branco, com frisos negros, tendo ao centro o monograma SCP. Como acharam que quatro iniciais tornariam o conjunto quase ilegível, convencionaram que o *C* significaria tanto *Club* como *Corinthians*.

Em 1917, contudo, os diretores do clube resolveram tornar as coisas bem explícitas. E as iniciais do clube ficaram completas: SCCP. Além disso, trocaram a figura aproximada do losango por um retângulo.

Três anos mais tarde (1920), o escudo já era parecido com o atual. Era um círculo negro com o nome do clube e data da fundação em branco — S.C. Corinthians Paulista, 1910 —, tendo ao centro a bandeira paulista. Em 1933, estabeleceu-se finalmente o famoso e definitivo escudo do Corinthians — em preto, vermelho e branco — e foram acrescentados a âncora e os remos, referência aos demais esportes que passaram a ser praticados no clube.

A CANÇÃO DE NOSSA GENTE

Lá pelos anos 30, o Corinthians já tinha o seu hino. Mas a letra era complicada, barroca, e a melodia não caiu no gosto da torcida. Então, teve o fim de todas as músicas medíocres: o esquecimento. Não é isso que acontece, é claro, com o *Campeão dos Campeões*, um sucesso que não sai das paradas desde que foi composto. O hino oficial do Corinthians saiu da inspiração do radialista e compositor Lauro d'Ávila, que caprichou na obra por um largo tempo, entre 1951 e 52. Aliás, o *Campeão dos Campeões* só se tornou oficial porque caiu no gosto popular. Foi gravado pela primeira vez por Osni Silva, em 78 rotações, através da gravadora Continental. E explodiu mesmo em 1954, no título do IV Centenário.

Salve o Corinthians
O Campeão dos Campeões
Eternamente
Dentro de nossos corações
Salve o Corinthians
De tradições e glórias mil
Tu és o orgulho
Dos desportistas do Brasil
Teu passado é uma bandeira
Teu presente, uma lição
Figuras entre os primeiros
Do nosso esporte bretão
Corinthians grande
Sempre altaneiro
És do Brasil
O clube mais brasileiro!

EDITORA ABRIL

ENDEREÇOS E TELEFONES

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400,
Tel.: (011) 877-1322, CEP 02909, Caixa Postal 2372

PLACAR

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 545-8122, Telex (011) 23227, 23322 e 24134, FAX: (011) 522-1504, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511

ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belo Horizonte: r. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1085

Brasília: SCS Quadra 1, n.º 30, Edifício Central, 9.º, 10.º, 12.º e 13.º andares, CEP 70304, tel.: (061) 224-9150, Telex (061) 1464, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, cj. 131, CEP 13013, tel.: (0192) 32-1700

Curitiba: r. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, salas 5 e 6, Bairro Alto da Quinze, CEP 80040, tel.: (041) 262-8833, Telex (041) 5278

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 2.º andar, sala 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 004

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 244-0410, Telex (085) 1607

Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 95 1293

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 33-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, salas 902, 903 e 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 224-0977, Telex (081) 1184

Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tel.: (016) 623-4262/4291

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-0202, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: r. Itabuna, 304, Pg. Cruz Aguiar, Rio Vermelho, CEP 41910, tel.: (071) 247 3999, Telex (071) 1160

EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.16, Telex: (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

REVISTAS PUBLICADAS PELA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL
GUIA DO ESTUDANTE • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
Esportes
PLACAR • GRID
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA
ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT
CAPRICHO • MÁXIMA
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
Infanto-Juvenis
O PATO DONALD, MICKEY, ZÉ CARIOCA,
TIO PATINHAS, MARGARIDA,
DISNEY JUNIORS, URTIGÃO,
ALEGRIA & COMPANHIA,
ALEGRIA EM QUADRINHOS, FOFÃO,
PATRICIA, O GORDO & CIA,
A TURMA DA FOFURA,
HE MAN, THUNDERCATS,
HOMEM ARANHA, CONAN,
BOLINHA, LULUZINHA,
MISTO QUENTE, SELEÇÃO DE CROMOS

HINO, ESCUDO, UNIFORME

POR QUE O BEGE SAIU DA CAMISA

Verdade seja dita: os jogadores do Corinthians dos primeiros tempos não primavam pela elegância. Nem tanto pelas cores do uniforme, que eram bonitas — camisa bege, com punhos e golas pretos, e calções brancos. O problema era que a qualidade do tecido deixava a desejar. Depois das primeiras lavadas, o bege ficava meio branco pelo desbotado e ainda recebia os tons escuros que saíam dos punhos e das golas. Os calções, de saco de algodão, ficavam logo deformados. E o Corinthians não era tão rico assim, que pudesse encomendar novos uniformes a cada dois meses.

O clube estava longe do uniforme ideal. Que só foi alcançado em 1917, quando os jogadores começaram a usar calções pretos e camisas brancas. Atletas e torcedores logo concluíram que ali estava o uniforme ideal, definitivo. O branco e o preto formavam o equilíbrio dos contrários, dando um ar de simplicidade e distinção.

Na verdade, algumas modificações foram tentadas. Afinal, sempre aparece conselheiro achando que tradição e identidade não são importantes. Assim, nos anos 30, apareceu a gola em V na cor preta. Mas acabou caindo.

Certa vez, no final dos anos 40, o Corinthians quase derrubou seus torcedores ao aparecer no gramado do Pacaembu com camisas grenás. Era uma homenagem ao Torino, da Itália, que tem a camisa dessa cor e perdera o time inteiro na queda de um avião. De lá para cá o clube não mais deixou seus uniformes oficiais de lado por motivo nenhum.

O uniforme número um do clube é a camisa branca com calção preto; o número dois, a camisa preta, com listras brancas verticais, e calções pretos. Simples e bonito.